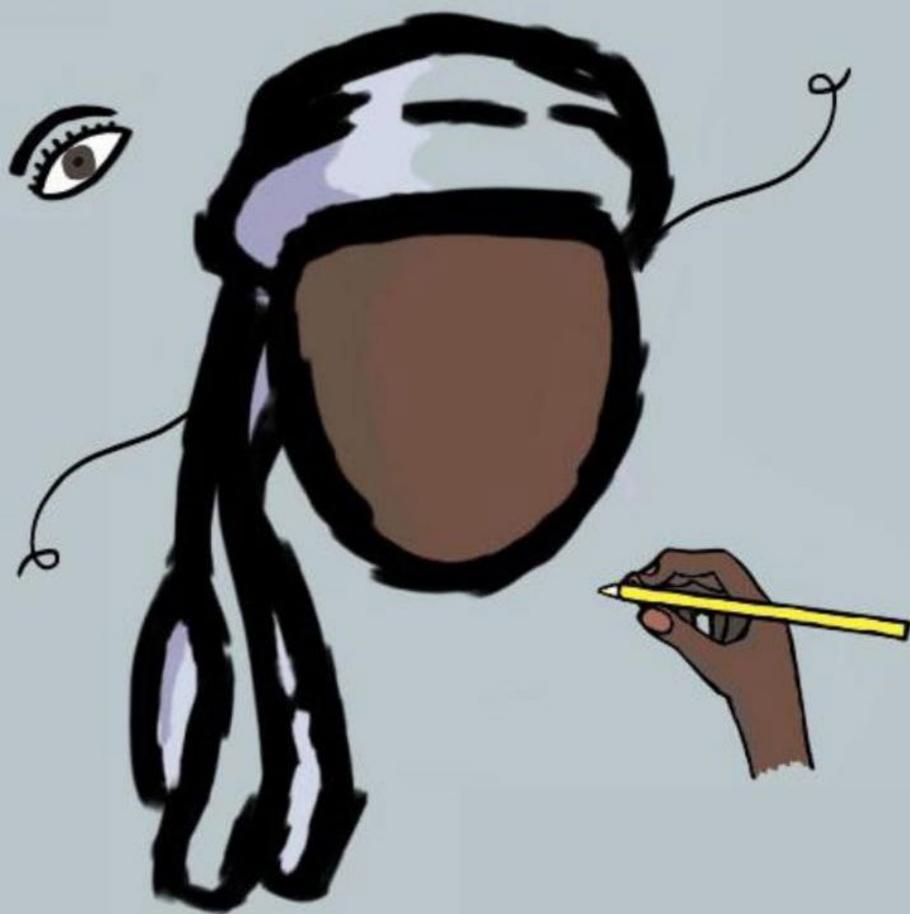




Lembranças à Carolina

Releituras de um quarto despejado





LEMBRANÇAS À CAROLINA
Releituras de um quarto despejado

Macaé – RJ

2021

*Desejamos que você goste das poesias e que, gostando, as compartilhe!
Mas não se esqueça: também disponibilize o nome das autoras e autores que, com toda sensibilidade, lapidaram e transformaram realidades para compor cada verso e imagem deste livro!*

Capa

Cauã Peixoto, Christian Ferreira, Felipe Corrêa, Kaiki Gomes, Felipe Vasques, Nicolau Lopes, Gabriella Tannos, Ana Clara Pereira, Marcio Edgar dos Santos Sales, Karolayne Silva dos Santos, Ana Clara Batista da Silveira

QR Code

Vitor Domingues Corrêa Moreira Simões, Gabriel Tenorio da Costa, Natália da Silva Rangel e Pedro Abílio Jardim de Araujo

Artes visuais e verbais

Estudantes do 1º ano do Ensino Médio Integrado com Técnico

Compilação

Penha Élide G. Tuão Ramos

Colaboração

Olívia de Melo Fonseca

Revisão linguística

Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos e Olívia de Melo Fonseca

Diagramação

Ana Soares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L549 Lembranças à Carolina: releituras de um quarto despejado [recurso eletrônico] — Macaé, RJ: [s. n.], 2021.

Livro eletrônico (112 p.)

Modo de acesso: World Wide Web:

http://terminal.biblioteca.iff.edu.br/index.php?codigo_sophia=57309

(E-book)

1. Poesia brasileira - Coletânea. 2. Escritos de jovens. 3. Poesia escolar brasileira - Macaé (RJ) 4. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (campus Macaé).

CDD B869.10080355 23. ed.

QUEM SOMOS NÓS

PENHA ÉLIDA GHIOTTO TUÃO RAMOS

Doutoranda e Mestra em Cognição e Linguagem pela UENF. Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação do IFFluminense, *Campus Macaé*. Proponente dos procedimentos didáticos que deram origem a esta coletânea.

OLÍVIA DE MELO FONSECA

Doutora em Estudos Literários pela UFF. Coordenadora do NUGEDIS (Núcleo de Gênero, Diversidade e Sexualidade) e Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação do IFFluminense, *Campus Macaé*. Integrante do Grupo de Pesquisa Poiesis e Alquimia Feministas. Professora colaboradora na implementação e realização das atividades que culminaram nesta compilação poética.

ESTUDANTES-AUTORES

Ingressas/os do 1º ano do Ensino Médio Integrado com Técnico em Automação Industrial, Eletromecânica, Eletrônica e Meio Ambiente. Adolescentes muito criativas/os, empenhadas/os, que demonstraram saber articular muito bem palavras, traços, cores e lideranças.



Instagram dos projetos criados pelos estudantes:

1001A - @projeto_carolina

https://www.instagram.com/projeto_carolina/

1001B - @mariadejesusiff

<https://www.instagram.com/mariadejesusiff/>

1004A - @carolina.ebook

<https://www.instagram.com/carolina.ebook/>

1004B - @projeto1004b

<https://www.instagram.com/projeto1004b/>

1005A - @ebook1005a

<https://www.instagram.com/ebook1005a/>

1005B - @ebook1005b

<https://www.instagram.com/ebook1005b/>

1008 - @poetisa_carolina

https://www.instagram.com/poetiza_carolina/



clique aqui
e confira os
projetos

Prefácio

No samba-enredo da Mangueira de 2019, um verso dizia “Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês”, provocando-nos a escutar aquelas mulheres – negras, pardas, quilombolas, pobres, faveladas – que formam a maior parte de nossa população. *Lembranças à Carolina*: releituras de um quarto despejado foi norteado pela leitura coletiva de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, uma das Marias que a música evoca. A coletânea de poesias, ilustrações, fotografias e colagens, tecida a muitas mãos, forma um caleidoscópio de olhares, todos inspirados e movidos pelas palavras de Maria. Essa mulher brasileira, mãe solo, negra, da favela, catadora, que encontrou, na escrita, um modo de retratar e elaborar suas experiências, servindo de espelho para as vidas de tantas outras brasileiras e outros brasileiros como ela, que representam “o país que não tá no retrato”.

Na Inglaterra da década de 1920, Virginia Woolf, em seu texto “Um teto todo seu”, falava da necessidade de as mulheres escritoras terem um espaço próprio para exercer sua profissão. No Brasil da década de 1950, Carolina Maria de Jesus, escrevia pensando residir em um castelo cor de ouro e dizia ser preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estava na favela. Ao mesmo tempo em que fantasiava, escrevia sobre as mazelas da desigualdade social, sobre o sentimento horrível de ter só ar dentro do estômago, sobre a vida dura do favelado, sobre o racismo estrutural, sobre a ganância dos homens brancos, e sobre sua revolta com o sistema. Uma revolta que ela mesma classificou como justa. Sua voz ecoou, citando Conceição Evaristo, versos perplexos com rima de fome e sangue. Em 2021, apesar de nomes como Conceição e Carolina Maria terem ganhado mais notoriedade, ainda temos muito que avan-

çar no sentido de garantir que as mulheres - especialmente as mulheres periféricas - sejam ouvidas, tenham espaço e voz, direito à memória, e seus trabalhos intelectuais e poéticos ganhem o devido reconhecimento. Daí também a importância de levar essas autoras para dentro da sala de aula das escolas públicas.

Os textos verbais e não verbais aqui reunidos são fruto da reflexão acerca das dores, da exclusão e do abandono sofridos pela autora, bem como seu encontro com a potência da escrita como maneira de expressar seus sofrimentos e esperanças, encontrando força e conforto quando não havia a quem recorrer. Encontram, na sociedade em que vivem hoje, muitos pontos em comum com aqueles descritos por Carolina Maria, ainda impregnada de racismo, machismo e desigualdades sociais. Ressaltam a importância de sua memória na literatura brasileira e a necessidade da representatividade de mulheres como ela na arte nacional.

O trabalho desenvolvido pelas professoras Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos e Olívia de Melo Fonseca, durante o período turbulento de ensino remoto, em uma escola pública, colocou os estudantes como sujeitos do processo, provocando a reflexão e a autorreflexão que, segundo Paulo Freire, é capaz de conscientizar e, consequentemente, inserir esses sujeitos socialmente como autores, e não mais apenas espectadores de sua própria história. Se, para muitos desses alunos, o texto de Maria Carolina serviu de espelho, de modo a se verem representados pela realidade descrita no livro, para outros, *Quarto de Despejo* se abriu como uma janela através da qual puderam enxergar uma realidade diferente da que vivem, mas que faz parte indissociável da sociedade à qual pertencem. Este livro é, portanto, a materialização de uma educação libertadora, na qual os alunos são instigados a olhar para si mesmos e olhar uns para os outros, questionar as injustiças sociais

postas, atuar no mundo em que vivem de forma a transformá-lo, e se tornarem, enfim, protagonistas.

Alice de Araújo Nascimento Pereira

Doutora em Estudos Literários pela UFF. Professora de Língua Inglesa do IFFluminense, *Campus Macaé*. Integrante do Grupo de Pesquisa Poiesis e Alquimia Feministas.

Camila França Barros

Mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo IFFluminense. Pós-graduada em Linguística Aplicada pela UERJ. Professora de Língua Inglesa do IFFluminense, *Campus Macaé*. Integrante do Grupo de Pesquisa Poiesis e Alquimia Feministas.





Obra dedicada a você que enxerga na literatura
um quê de reflexão, de humanidade, de arte.



Apresentação

Em “Mufete”, do álbum *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa*, de 2015, Emicida diz, em um trecho de sua canção: “Esquece o que o livro diz, ele mente”. Através dos versos do rapper, ou do samba da Mangueira de 2019 reverenciado no texto que prefacia a obra que se segue, ou ainda do discurso proferido pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie em *O perigo de uma história única*, nem todos estão, estamos, no retrato. A cena retratada corta tudo o que não é material instagramável. Corta as mazelas, mas corta também as potências subjetivas que foram colocadas à margem. A elas, não é permitido o trânsito, apenas o colocar-se em seu devido lugar, construído por uma cultura engessada em pilares racistas, patriarcais, misóginos, imperialistas, eurocêtricos e diversas outras formas de subalternização do outro, com toques disfarçados de meritocracia.

Mérito!? Jura!? Se fosse por mérito, uma escritora como Carolina Maria de Jesus não teria passado fome, não teria morrido à mingua de uma “sorte” que já estava escrita muito antes de seu nascimento. Hoje ela é DOUTORA Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Hoje ela brilha em festas literárias, como brilhou, em 2020, na FLUP – Festa Literária das Periferias.

É *preciso estar atento e forte*, como diria Caetano Veloso e Iza em sua regravação da canção “Divino Maravilhoso”, para fazer desta corrente decolonial, que avança na cultura brasileira e na universidade – graças, em muito, às cotas –, um tornado em direção a um projeto de país que performe a cena retratada. É *preciso estar atento e forte* para não se deixar sucumbir diante da avalanche de mortes que assolam um país em pandemias! Infelizmente, não é (só?) o Coronavírus que nos agoniza! É *preciso estar atento e forte* para compreender o porquê de não aprendermos com Carolina

que disse que o maior espetáculo do pobre de meados do século passado era comer. Hoje, desde 2018 mais especificamente, nosso país retornou ao mapa da fome mundial. Ou seja, pelo menos 5% de nossa população não ingere a quantidade de caloria diária recomendada.

Não queremos um retrato de país onde não consigamos ver Carolina. Entretanto, desejamos vislumbrar um país que não só consegue enxergar Carolina, mas também consegue reconstruir o cenário fotográfico, porque aprendeu com essa mulher preta que tem tanto a nos ensinar. *É preciso estar atento e forte* para que, diante de tanta ruína, tenhamos a capacidade de enxergar vagalumes, já dizia o teórico Georges Didi-Huberman em seu livro *A sobrevivência dos vagalumes* ou, novamente, o nosso guru Emicida, em outra canção potente – “É tudo pra ontem”: “Viver é partir, voltar e repartir/(Mas ouça de alguém que nasceu num tapume)/Partir, voltar e repartir/(É só na escuridão que se percebe os vagalumes)”.

É de vagalumes que se trata este livro, de estudantes do 1º ano do Ensino Médio Integrado com Técnico em Automação Industrial, Eletromecânica, Eletrônica e Meio Ambiente, de uma escola pública do interior do estado do Rio de Janeiro, o Instituto Federal Fluminense (*Campus Macaé*), que tentaram cursar a disciplina de Língua Portuguesa, Literatura e Redação em meio à pandemia e as suas disparidades. Atravessando todas as dificuldades que o ensino remoto pode oferecer a um país tão, tão desigual, eles aprenderam com Carolina Maria de Jesus e nos ofertaram tudo de mais bonito que vocês podem encontrar no percurso deste livro. Ainda sobre a origem desta obra fantástica, não podemos deixar de mencionar a parceria muito bem estabelecida que a tornou possível: de um lado, a reflexão sobre o ensino de Literatura e a importância da autoria estudantil, objetos de estudo de Penha Élica Ghiotto Tuão Ramos; de outro, o interesse da pro-

fessora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação dos estudantes-autores deste livro, Olívia de Melo Fonseca (IFF), quem aceitou colaborar na implantação de um modelo genérico de sequência didática, ao qual trouxe uma configuração própria a partir de suas leituras.

Em *Lembranças à Carolina*: releituras de um quarto despejado, será possível ver pulsar o diálogo estabelecido entre cultura urbana, marginal, periférica, *Slam* Poesia, Carolina Maria de Jesus e literatura enquanto campo expansivo. Com sete seções, assim definidas conforme as turmas participantes, esta obra oportunizará a chance de fotografar, com as retinas reais e imaginadas, poemas/*slams*, ilustrações variadas, colagens, fotografias, *Qr Codes* que darão acesso à expansão da experiência de leitura, do verbo-visual ao audiovisual. Dessa forma, você se deleitará com as Seções I e II, *Lugar de fala e Lembranças à Carolina*, produzidas, respectivamente, pelas turmas 1001A e 1001B, do curso de Automação Industrial; na sequência, encontrará a Seção III, intitulada *Carolina – seu sonho*, e a Seção IV, *Inspiração de uma arte esquecida*, respectivamente produzidas pelas turmas 1004 A e 1004 B, do curso de Eletromecânica; em seguida, terá *Legado de Carolina Maria de Jesus e Da favela para o mundo*, que constituem as Seções V e VI, produzidas pelas turmas 1005A e 1005B, do curso de Eletrônica; e, por fim, experienciará a Seção VII, *As palavras que eu escrevi*, da turma 1008, curso de Meio Ambiente.

Assim como quando entramos em contato com a obra de Carolina Maria de Jesus pela primeira vez, todo este material artístico, pictórico, poético, audiovisual tem a pretensão, mesmo que provisória, de convidar o leitor ao exercício de outridade, de vivenciar e experienciar o lugar de si e, ainda mais, o lugar do outro, de recusa ao lugar de conforto, de disponibilidade à profanação, mas também à comunhão – afinal, *viver é partir, voltar e repartir* – para que juntas, juntos e juntes, coletivamente, sejamos capazes de

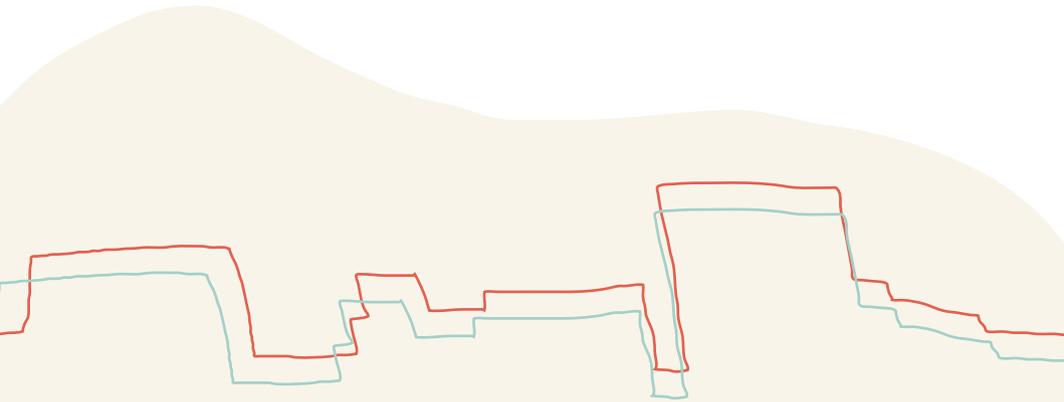
nos reconhecer próximos à Carolina, *ladino-amefricanos*, tal qual nos posicionou Lélia Gonzalez em nossa luta decolonial, que sejamos capazes ainda, por (re)começo, de *transformar nossos silêncios em linguagem*, tal qual poetizou Audre Lorde.

Desejamos os melhores encontros nesta viagem-leitura!

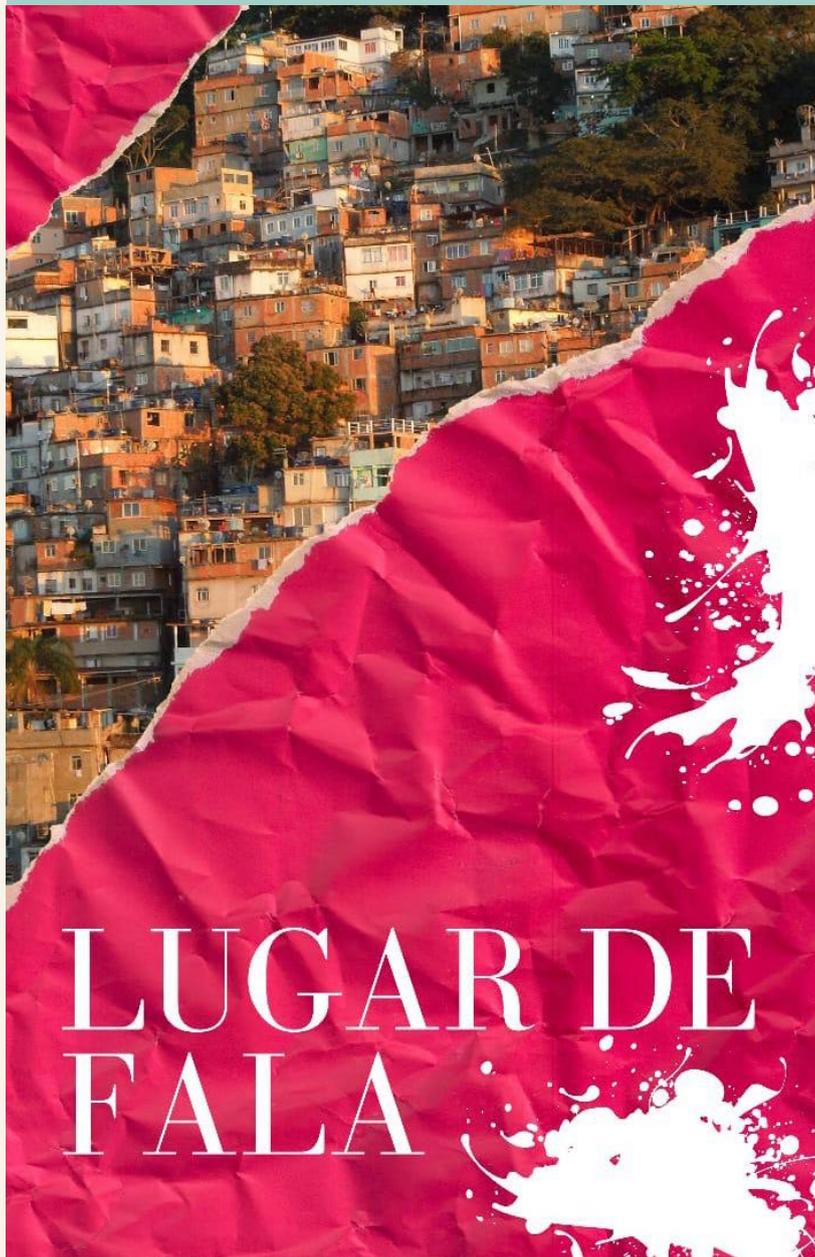
Até breve!

Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos

Olívia de Melo Fonseca



SEÇÃO I - 1001 A
<https://youtu.be/Ka1J8h56euE>



LUGAR DE
FALA

MAZELAS DA VIDA



*Poesia de Bruna Santiago, Gisele Miranda,
Jean Carlos Siqueira e Kaiki Gomes*

Minha mãe queria que eu fosse professora,
Para ensinar palavras às pessoas.
Mas era apenas eu e minhas crianças no mundo,
Com a minha alma de poetisa presa em um corpo de guerreira,
Sobrevivendo enquanto éramos maltratados pela sociedade opressora.

Oh, que dura a vida do favelado!

Dura como o nosso pão de cada dia.
Dura como o coração das nossas vizinhas,
Que usavam de pedras a palavras de baixo calão,
Para atacar as minhas crianças franzinas.

Oh, Santa Maria, por que nos fizeste passar por esse sofrimento?

O sofrimento que não acabava,
Enquanto o astro-rei no céu raiava,
E, na amarelada penúria, eu afundava.
Penúria que era mentora,
Que nos fazia valorizar as pequenas coisas boas da vida,
Quando os homens poderosos traíam nossos corações com suas doces mentiras.

Basta ser da favela e te tacham como vilão.
Recebemos olhares de ódio pela nossa pobreza.
Enquanto os verdadeiros vilões, banhados pela corrupção,
Se escondem no palácio do Governo, rodeados de riqueza.

Não tinha tempo para descansar,
Para gozar as coisas boas da vida.
Mas que alegria eu posso encontrar morando numa favela falida
O tempo ia passando,
A doença e a morte vindo nos visitar,
Lado a lado.
E, com isso, eu sempre me dizia:

Oh, que dura a vida do favelado!





*Arte de Davi da Costa Soares Fin, Erick de Carvalho
Silveira e Gabriella Tannos Barreto*

SONHAR

*Poesia de Bruna Santiago, Gisele Miranda,
Jean Carlos Siqueira e Kaiki Gomes*

Queria eu morar em um castelo dourado
Deitar-me numa cama imaginária
Enquanto afago meu vestido bordado
Mas parece que caí no lugar errado
Pois aqui estou eu
Sentada no chão de terra
Com meus trapos esfarrapados.

Me aconselhavam a não escrever sobre a realidade
Deve ser porque ela é cruel e cheia de desigualdade,
Deve ser porque os outros esbanjavam seus grandes prédios
Enquanto esbanjávamos precariedade
Residindo no quarto de despejo da cidade.

Assim eu não aguento
Me ponho a chorar.
Tristeza
Tristeza que não se cessa.
Já não sei mais como sorrir diante desta vida tão molesta.

Queria eu encontrar um alento nesse chão enlameado
Mas a única coisa que encontro é o desgosto
Parece que caí no lugar errado
Pois eu deveria estar longe, bem longe
Deitada em uma cama macia
No meu castelo dourado.



*Arte de Bernardo Oliveira Capanema de
Souza, Hugo dos Santos Brito Silva e
Luís Gustavo Rodrigues Freire.*

“Queria eu morar em
um castelo dourado
Deitar-me numa cama
imaginária
Enquanto afago meu
vestido bordado
Mas parece que caí no
lugar errado...”



VIDA NA FAVELA

*Eduardo Woyames, Israel Laia,
João Victor Piñero e Rayane Souza*

Ando pelas ruas de São Paulo,
as pessoas que não vivem por aqui nem ousam olhar em nossos olhos...
Somos tratados como lixo,
essa é a vida na favela.

A paisagem é cor de barro,
o chão é lama pura.
Fazemos de tudo para tentar sobreviver ao máximo nesse lugar
coberto de tanta amargura.

Estamos aqui por falta de oportunidade e nos culpam por isso.
Tentamos subir na vida,
mas sempre somos derrubados.

Principalmente sendo uma mulher,
em que há mais desafio devido aos preconceitos e à falta de fé.
Minha vida não é fácil,
luto o dobro para obter metade, do absurdo,
isso deveria ser o auge.

Eles não gostam de nós,
nunca olharam por nós e decerto que não olharão.

Somos tachados de bandidos ou vagabundos
sem mesmo ter tido a chance que outros tiveram em suas vidas.
Sempre fazendo o máximo para obter o mínimo,
seja de respeito ou de recurso.

A fome é algo que intensamente nos consome,
você não saberia o que “fome” realmente significa.
Quem não compartilha de minha realidade,
não saberia explicar algo assim.

O que todos chamam de “pão de cada dia”,
chamamos de refeição que salva vidas.
Nunca vão entender a horrível sensação de
olhar para o rosto de seus filhos e dizer:
Não há comida hoje!

Eu, Carolina Maria de Jesus, não aguento mais isso.
 Eu espero que não precisem passar por essa dificuldade,
 então é melhor não saber explicar esse conceito.

Para sobreviver nesse lugar onde tudo é composto de tijolo e barro,
 é necessária uma vontade de aço.
 Acordar todos os dias, às 5 da manhã, sem esperança de subir na vida,
 mas mantendo em mente que tem que sobreviver.

Saber que todos te tratam como lixo,
 que todos cuspiriam em você na primeira oportunidade,
 e tentar seguir em frente
 mesmo sabendo que vai precisar superar coisas:
 discriminação e fome.

*Arte de Bernardo Oliveira
 Capanema de Souza, Hugo dos
 Santos Brito Silva e Luis Gustavo
 Rodrigues Freire.*

“Essa é a vida na favela.
 A paisagem é cor de barro,
 o chão é lama pura.
 Fazemos de tudo para tentar sobreviver o
 máximo nesse lugar
 coberto de tanta amargura.”



SOBREVIVÊNCIA

*Poesia de Eduardo Woyames, Israel Laia,
João Victor Piñero e Rayane Souza*

Vocês não sabem como é ser jogado em um lugar esquecido,
um lugar que está marcado pela fome.
Onde todo mundo joga seu lixo
e que muitas pessoas sobrevivem catando o entulho do povo,
que te julga com nojo,
é como ser jogado em um quarto de despejo.

Não temos a quem recorrer,
pois a única coisa que fazem é nos desmerecer,
então comemos lixo feito cães por falta de opção,
um simples ato necessário para a sobrevivência
é o bastante para sermos igualado a criaturas irracionais.

A vida é um excremento que temos que reciclar.
A cada dia que passa,
a única coisa que recebo
é o desgosto das pessoas desse lugar,
que brigam com os meus filhos sem terem feito nada,
jogam pedras na parede da minha casa.
Meu sonho é sair daqui,
aqui a gente não vive, apenas sobrevive.

*Arte de Alanis Nazareth Heleodoro, Felipe Vasques Ribeiro, Gabriel de
Barros Pontes e Giovana Santiago Alves.*



A NOITE

A chuva é implacável,
E o frio com ela vem.
Deitado, fico pensando,
Se há um mundo além.

Além da periferia,
Dos muros de tijolos,
Que separam a gente
Do “cidadão de bem”.

Acordo todos os dias
Antes do Sol se por.
Tenho que trabalhar,
Além da favela, na casa do “Senhor”.

Sair desse lugar
É o que mais almejo.
Ver o mundo de fora,
Além desse Quarto de Despejo.

*Poesia de Ana Clara Pereira
e Christian Ferreira*

Ver as crianças brincando,
Correndo e jogando bola.
Pensando em uma vida,
Que só teria lá fora.

Fora de uma cerca,
Que criaram em nossa volta.
Uma cerca quase invisível,
Que separam a gente do lado de fora.

Fome e violência,
Ignorância e covardia.
Sonhos que nunca verei
Aqui na periferia.

*Arte de Alice Pereira da Conceição, Cauã Peixoto de
Lima Gonçalves, Robert Marley Ferreira Xavier e
Thiago Bessa Duarte Rodrigues.*



TRISTE REALIDADE!

*Poesia de Ana Clara Pereira
e Christian Ferreira*

Vivemos em um mundo trivial,
onde tudo é superficial.
Uma sociedade sem respeito,
repleta de preconceito.

Uma sociedade que nos repele,
pela simples cor da pele.
Um mundo de hipocrisia,
onde só temos a nossa poesia.

Um mundo que diz que a escravidão acabou,
mas eu digo que ela apenas se transformou.
Podemos não viver acorrentados,
Mas todos os dias somos discriminados.

Um mundo sem oportunidades,
onde passamos necessidades.
Digo que não queremos suntuosidade,
apenas dignidade.

Vivemos em um mundo de sofrimento.
Em que muitas vezes nos falta até o alimento,
Não sabemos mais o que é felicidade.
Essa é a triste realidade!

Um mundo que nos chama de favelado,
sem ao menos ver o nosso lado.
E não falo daquele termo bonito que aparece no dicionário.
E sim daqueles que sabem que por aqui não é bonito o cenário.

Muitas vezes, nos sentimos em um quarto de despejo,
Como escórias da sociedade.
Mas eu tenho um desejo:
Uma sociedade que nos ame de verdade.

Esta é a triste realidade,
de quem vive na comunidade.
Que fica pior quando você é negro,
e te tacham de bandido.

Mas eu sonho com o dia em que o negro será aplaudido.

E, enquanto esse dia não chega,
se é que um dia chegará,
Só nos resta batalhar.
Para, pelo menos, mais um dia suportar.



*Arte de Davi da Costa Soares Fin, Erick de Carvalho Silveira e
Gabriella Tannos Barreto.*



MUDANÇA

*Poesia de Alexander Nery, Miguel Borges
e Nicolas Lopes*

Após a morte de minha mãe
Fui tentar a vida em São Paulo,
Despejada no palco da favela,
Com o que encontrava pelo chão,
Construí meu barracão

Mulher,
Negra,
Favelada,
Mãe solteira de 3 filhos.
Certamente, não foi fácil...

E, assim, começou o prefácio.

Acordo cedo todo dia pra catar papelão,
Sem sequer saber se amanhã vou ter um tostão
Para dar uma refeição para meus filhos
Em meio a tanto desalento

Porém, mesmo inconformada com esse lugar,
Sem voz a ser ouvida
Nunca parei de sonhar,
Sonhar que um dia terei uma casa de tijolo
Em que poderei morar
15 de julho 1955

Comecei a escrever para quem sabe esquecer
Da dor que é viver entre as mazelas da favela,
Catando o que é lixo pros outros
E necessário pra nós.

1960
Quem sabe agora possam ouvir a nossa voz.

*Arte de Davi da Costa Soares Fin, Erick de Carvalho
Silveira e Gabriella Tamos Barreto.*



MEU LIVRO

*Poesia de Alexander Nery, Miguel Borges
e Nicolas Lopes*

A vida na favela não é nada fácil
Principalmente, quando se é mulher
Que, por todos, é vista como frágil
Mesmo assim, sempre batalhei com garra

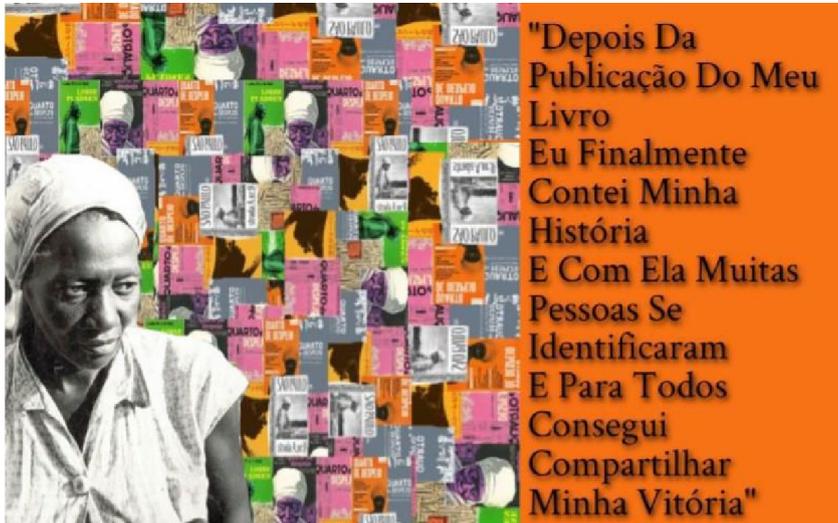
Um jornalista, eu encontrei
Ele leu as anotações que eu fazia
O meu livro, me ajudou a publicar
E, para o mundo, o quarto de despejo surgia

Andando pelas ruas sem expectativa
Mas não fazia ideia de como a minha vida iria mudar
Em poucos dias, o meu livro já estava em muitas livrarias
E o meu sonho, eu, finalmente, pude realizar

Depois da publicação do meu livro,
Eu, finalmente, contei minha história
Com ela, muitas pessoas se identificaram
E, para todos, consegui compartilhar minha vitória

Nessa aventura, eu embarcava
Logo depois, uma nova vida, então, pude ter
Peguei minhas coisas e mudei de casa
Para, mais tranquila, com a minha família, poder viver.

*Arte de Alice Pereira da Conceição, Cauã Peixoto de Lima Gonçalves,
Robert Marley Ferreira Xavier e Thiago Bessa Duarte Rodrigues*





Arte de abertura da seção

Cauã Peixoto, Christian Ferreira, Felipe Corrêa, Kaiki Gomes, Felipe Vasques, Nicolas Lopes, Gabriella Tannos e Ana Clara Pereira.

Produção audiovisual

Isaac dos Santos Leite Cabral, Nilton Yuri Leão Vasconcelos e Warlen Lopes de Oliveira.

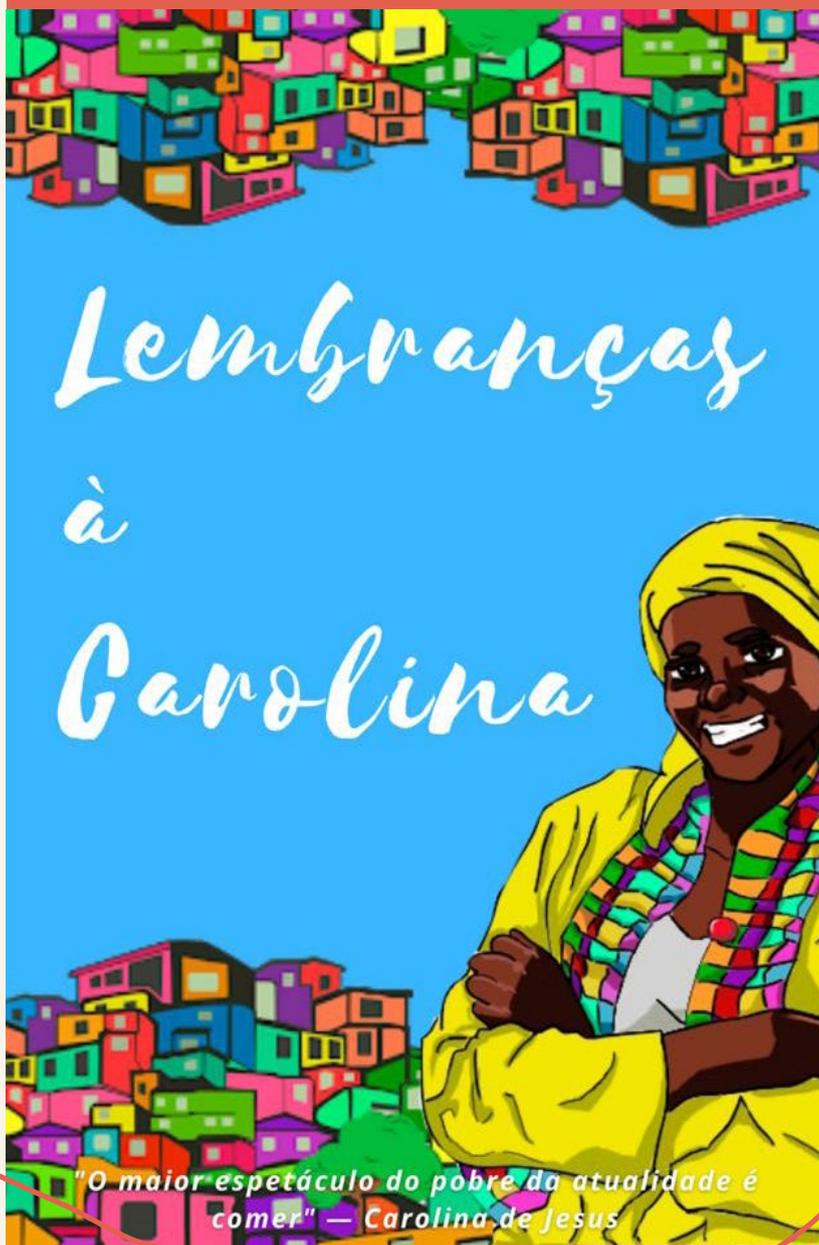
Organização

Felipe Corrêa Ribeiro, Isabelle David Werneck Vieira, João Henrique Mendes da Costa, João Victor Soares Rezende e Matheus Miranda Ribeiro Silva.

Seção I - 1001 A

<https://youtu.be/Ka1J8h56euE>

SEÇÃO II - 1001 B
https://youtu.be/q_EzDzltaeE



ROTINA DE POUCO VALOR

Poesia de Joel Júnior Barros Neves, Enoque Fagundes Bispo Neto, Kelvin Lima Souza e Daniel Rangel Botelho

Mãe solteira, independente e sozinha,
acorda cedo, cata papel e cozinha,
mulher lutadora, sábia, igual a ela não tinha,
Carolina.

Depois de um dia de luta,
Ao seu refúgio ela retornava
Sem muita diversão nem prazer,
Se deitava e descansava.

A esperança, ela mantinha,
Quando alguns trocados eram lhe dados.
Tirando-a do sufoco, mais um dia vivendo com pouco.

O ar da casa trazia um certo desconforto
Quando chovia, a água pelo teto entrava
Nesses momentos, era preferível estar morto
E, nos dias nublados, esse momento assombrava.

Vera, José e João,
Tinha dias que, para eles, nem havia pão
E isso, para Carolina,
Era de doer o coração.

Juntando todos os acontecimentos do dia,
Ela sentava e, no seu livro, escrevia
Sem nenhuma fantasia
Esvaziando a mente
Se preparando para outro dia

Com seu livro, andava bem armada
Com palavras que doíam mais que uma facada
Carolina, uma mulher bem forte e empoderada.

Arte de Natália da Silva Rangel, Vitor Domingues Corrêa Moreira Simões, Gabriel Tenorio da Costa e Pedro Abílio Jardim de Araújo.





Arte de Natália da Silva Rangel, Vitor Domingues Corrêa Moreira Simões, Gabriel Tenorio da Costa e Pedro Abílio Jardim de Araújo.



Arte de Natália da Silva Rangel, Vitor Domingues Corrêa Moreira Simões, Gabriel Tenorio da Costa e Pedro Abílio Jardim de Araújo.

PERTO DO VALÃO

Poesia de Joel Júnior Barros Neves, Enoque Fagundes
Bispo Neto, Kelvin Lima Souza e Daniel Rangel Botelho

Sempre dizia Carolina
Todos sabem que é verdade
Infelizmente onde vivia
Não existia solidariedade.

Só tinham as vizinhas
Que eram pura falsidade
Mas tinham os governadores que cuidavam da cidade
Esqueciam da favela e faziam tudo pela metade.

Casas ao lado do valão
Só pessoas sem noção
Obrigar o ser humano
A viver sem nenhum tostão.

Isso é coisa de louco
Não dá nem pra engolir
Um lugar tão apertado e no sufoco
Que não tem nem onde dormir.

A cada verso, uma bala
Cada livro, uma arma
Sem quantia monetária,
Carolina, uma verdadeira revolucionária

Arte de Natália da Silva Rangel,
Vitor Domingues Corrêa Moreira
Simões, Gabriel Tenorio da Costa
e Pedro Abílio Jardim de Araújo.



PÉROLA SUBURBANA

|||||
*Poesia de Lucas Henrique Moraes da Costa
 e Júlia Carvalho Pessanha*

Azevedo escreveu O Cortiço
 Carolina descreveu a favela
 O Cortiço do Naturalismo
 A favela com naturalidade
 Nem um e nem outro, nada a esconder

A realidade revelada de modo original.
 No cortiço, não há regras
 Mas, para a gramática de Azevedo, sim.
 Na favela, também não há,
 Carolina não se prende a regras.
 Ela só quer escrever,
 Escrever sobre a realidade, com liberdade,
 Como quem anseia por um sonho.
 Sonhar é possível

·
 Mesmo com tantos motivos, pra deixar tudo como está
 – cantou um dia a Cássia e também Renato Russo.
 Mas Carolina quis pensar em não desistir,
 quis insistir e tentar “agora”, tanto faz

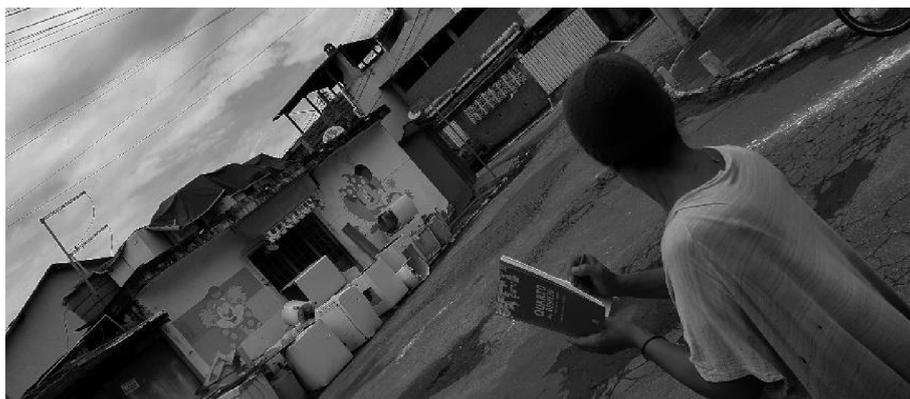
Insistiu a Cássia, insistiu o Russo, nada é pra sempre
 e o pra sempre sempre acaba.
 Enquanto Carolina sonhou e lutou para transformar sua dor,
 não deixando ser pra sempre
 e nem pra sempre o silêncio da sua história
 e do seu barraco.

Barracão de zinco, sem telhado,
 Ave Maria do morro
 – há quem muito cantou esta canção, uma canção,
 eternamente uma canção de amor.
 Carolina entoou com palavras:
 – lá no morro, barracão é bangalô!
 Quem mora no morro não conhece arranha-céu
 e nem felicidade, mas mora pertinho do céu.

|||||

*Arte de Matheus dos Santos da Silva, Erick
 de Souza Bersot, Karolayne Silva dos
 Santos e Marcio Edgard dos
 Santos Sales.*





Carolina não se prende a regras



Arte de Matheus dos Santos da Silva, Erick de Souza Bersot, Karolayne Silva dos Santos e Marcio Edgard dos Santos Sales.

Quis insistir e tentar "agora"

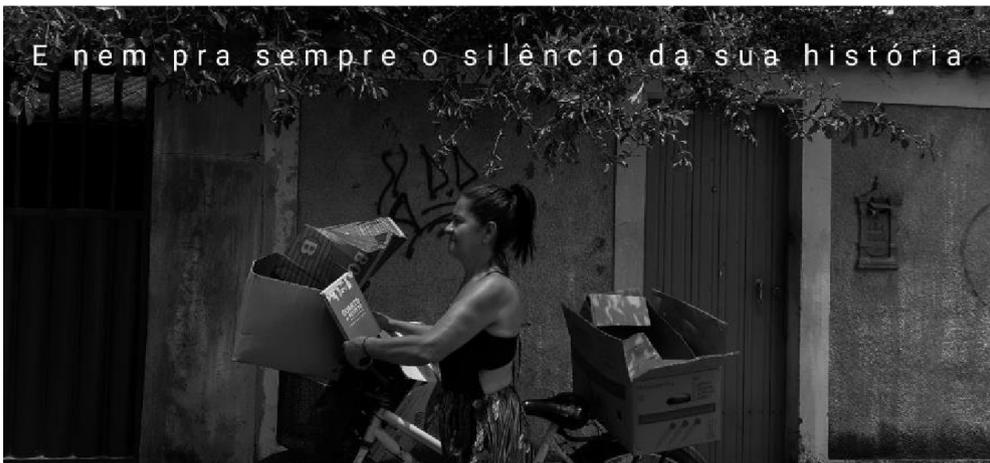


Ave Maria do morro



Arte de Matheus dos Santos da Silva, Erick de Souza Bersot, Karolayne Silva dos Santos e Marcio Edgard dos Santos Sales.

E nem pra sempre o silêncio da sua história



PALAVRAS

Poesia de Lucas Henrique Moraes da Costa
 e Júlia Carvalho Pessanha

ah, se ela pudesse ver que tudo mudou
 mas nada mudou
 as palavras no caderno
 palavras são eternas,
 mesmo alteradas,
 distorcidas
 não são descartáveis, por isso ela escrevia

se Luther King tinha um sonho
 Carolina tinha palavras
 saídas de um corpo vazio,
 escritas no meio da dor

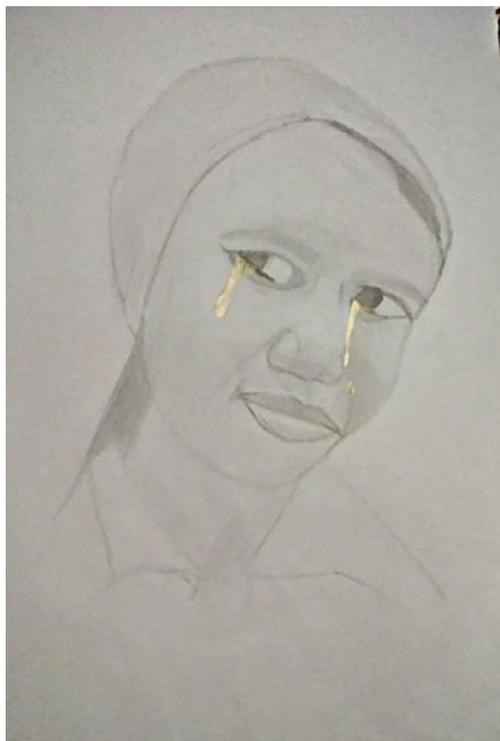
alimentando-se da esperança
 de que um dia a sala de estar
 pudesse ser sua vizinhança

ah, se ela pudesse ver
 que, mesmo tanto tempo depois,
 seriam cantadas e rimadas
 as palavras de quem já se foi

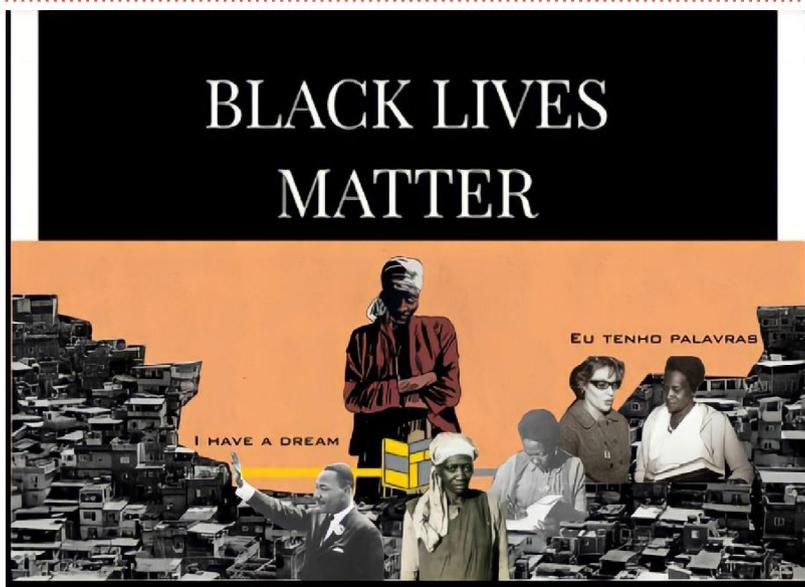
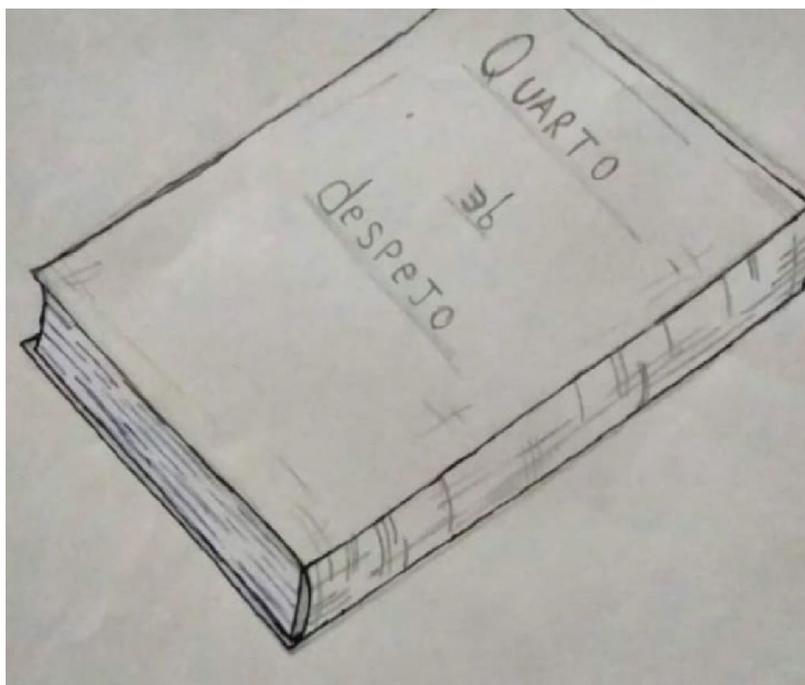
em uma época já distante
 contemplamos
 cantamos
 choramos
 as palavras de antes

se Luther King tinha um sonho
 Carolina tinha palavras
 um dia ditas,
 um dia marcadas
 saídas de um corpo vazio
 e escritas no meio da dor

sua vitória pesa mais que a dor
 sua história transcende a cor
 livre do pente de ferro
 em busca da liberdade
 num lugar há muito esquecido
 lembrado por ela nas páginas de um velho caderno.



Arte de Matheus dos Santos da
 Silva, Erick de Souza Bersot,
 Karolayne Silva dos Santos
 e Marcio Edgard dos
 Santos Sales.



Arte de Matheus dos Santos da Silva, Erick de Souza Bersot, Karolayne Silva dos Santos e Marcio Edgard dos Santos Sales.

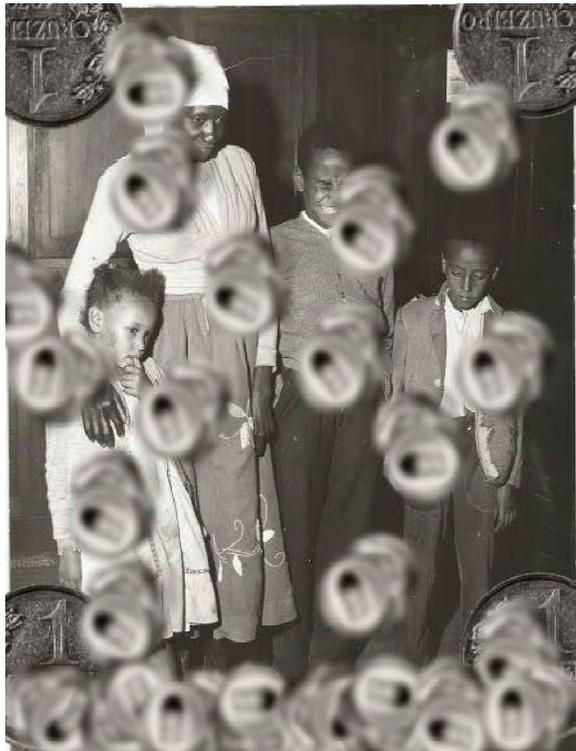
E, para uma mulher, negra e pobre,
A dificuldade foi intensificada

Anos após o fim da escravidão,
Muitos aspectos mantêm-se inalterados
Já que, mesmo após a Lei Áurea,
Preconceito permanece escancarado
O negro continua a passar sufoco
E sendo discriminado
Tudo devido à dificuldade
Em aceitar a diversidade

Com uma realidade desgastante
Já sem motivos para sorrir
Acha, em suas escritas, conforto
Força para poder seguir
Como um local de desabafo
Área para se expressar
Em seus relatos, encontra
Um refúgio para se acalmar

Inconformada com as condições
Almejava de vida mudar
Do quarto de despejo, partir
E, na sala de estar, habitar
Com uma vida boa e justa
Da qual pudesse aproveitar
Alcançar sua liberdade
E finalmente descansar

Relatos são marcos
Que não devem ser esquecidos
Cada um tem importância
E Carolina sabia disso
Por isso, escrevia
Por isso, relatava
Sua história de vida
Que para sempre será lembrada



*Arte de Matheus dos Santos da Arte de
Brunno Roberto da Costa da Silveira,
Maurício Gabriel Balbino Soares
Madeira e Miguel Soares
de Oliveira.*



Veracidade de sua escrita
E raiva adquiriram

De palavras uma vez ditas
Com o seu reconhecimento
Objetivos conquistados
Se viu ao mesmo sofrimento
Quando a mídia lhe deixou de lado
Como um artigo de consumo
Acabou por perder seu rumo
E vista com curiosidade
Logo foi despejada por sua própria
sociedade

Em meio a todo o caos
Sua fé ainda mantinha
Que tudo daria certo
Que se recuperaria
E por sua obra de arte
Por tudo que fez parte
Uma saída encontraria
E por ela lutaria

De Santana para um sítio
Viu a vida retroceder
Como catadora retornou
Para tentar sobreviver
E quem sabe aguentar
Mais um dia de batalhas
Embora estivesse cansada
De sua extenuante jornada

Como uma heroína esquecida
Acabou por falecer
Afastada de todos
E exausta de viver
Mas sua representatividade
Para sempre permanecerá
Na história da literatura
Carolina sempre estará



Arte de Brunno Roberto da Costa da Silveira, Maurício Gabriel Balbino Soares Madeira e Miguel Soares de Oliveira

NASCE UMA MULHER

Poesia de Maria Heloisa Segadas Nunes,
 Ruan Victor de Paiva Gomes, José Henrique Ciriaco Ferreira,
 e Júlio César Ladoga Machado

Nasce uma mulher
 Neta de escravos,
 Filha de uma analfabeta
 Saiu de Minas pra ganhar a vida em Sampa
 Deixando sua terra natal
 Na esperança de viver melhor em São Paulo, a capital

Preta
 Da favela
 Trabalhadora
 À noite, catava papel
 Sobrevivia com o que recolhia
 E, no final do dia,
 Não esquecia
 De relatar seu cruel dia a dia

Com o passar do tempo
 Sua história resulta em um livro
 Esperança
 Foi o que pensou
 Mas não,
 Os cidadãos
 Eram incapazes de acreditar
 Que tal mulher
 Era capaz de produzir
 Algo tão esbelto

No topo do mundo
 Descobriu o seu dom,
 Continuava sentindo amor
 A cada dia,
 A dificuldade não tirava seu prazer de escrever.

Sua vida mudou,
 Carolina agora tinha seu devido valor.
 Seu retrato agora era de uma poetisa,
 Sobrevivente de uma sociedade que não lhe deu opção.

A primeira escritora negra do país,
 Logo lançando seu best seller
 Que o país mude em breve
 E as crianças possam ler este exemplo de escrever.

Arte de Maria Eduarda Moraes Figueira
 Rabelo, Mariana Ignacio Gulão e Miguel
 Lucas das Neves



VIVENDO UMA REALIDADE DURA



*Poesia de José Henrique Ciriaco Ferreira,
 Maria Heloisa Segadas Nunes, Ruan Victor de Paiva Gomes
 e Júlio César Ladoga Machado*

Vivendo uma realidade dura
 E, ainda,
 Sem ajuda
 Nas frase de Carolina, a gente percebe
 Dor
 Bastante tristeza pra uma pessoa só
 Mas...
 Nada pode lhe machucar,
 Afinal, tinha dois filhos pra cuidar.

Quem não sabe o que é fome só vai pra favela pedir voto
 Mas ninguém liga de verdade,
 Depois de receber o que se quer em troca
 Na primeira oportunidade, cai fora

A realidade do pobre é difícil
 Comer o que tem em casa
 Mas...
 E quando não tem nada?
 Muitos não têm nem a oportunidade de ir à escola
 E ainda tem quem ousa dizer que cota é esmola

A escravidão acabou
 Não tem mais Zumbi
 Mas, na verdade, nada mudou
 Os mesmos ainda estão nos quartos de despejo
 Estar no quintal ainda dói
 A única diferença é que já morreram todos os heróis.

Quem lutou de verdade não recebe o mérito
 Os papéis foram trocados
 Tiraram dos escravos o lugar de heróis da própria história
 De Isabel, todo mundo fala
 Quero ver falar de Dandara

Na lei pra inglês ver,
 Tá o nome Isabel
 Mas Princesa Aqualtune,
 Ganga Zumba que fizeram de verdade.
 Quanta hipocrisia!

Eu ainda espero uma "Lei Áurea"
 Só que agora com o nome

O nome dos que lutaram de verdade.
 Aguardo o dia em que os filhos de hoje
 Estudem que José do Patrocínio
 Foi quem realmente lutou
 Isso é o mínimo.



*Arte de Maria Eduarda Moraes
 Figueira Rabelo, Mariana Ignacio
 Gulão e Miguel Lucas das Neves
 Estanislau.*

"Eu sou negra, a
 fome é amarela e
 dói muito."
 "quem lutou de
 verdade não recebe
 o mérito"



"Os mesmos ainda estão nos quartos de despejo"



*Arte de Maria Eduarda Moraes Figueira Rabelo, Mariana Ignacio
 Gulão e Miguel Lucas das Neves Estanislau.*



Arte de abertura da seção

Marcio Edgar dos Santos Sales, Karolayne Silva dos Santos e Ana Clara Batista da Silveira.

Produção audiovisual

Thomás Pontes Santiago e Wanderson Bueno Pacifico.

Organização

Ana Clara Batista da Silveira, Lucas Nunes Ferreira da Silva, Matheus Afonso Neves da Costa Lima, Júlia de Freitas Borges e Júlia Gonçalves da Silva Leocadio.

Seção II - 1001 B

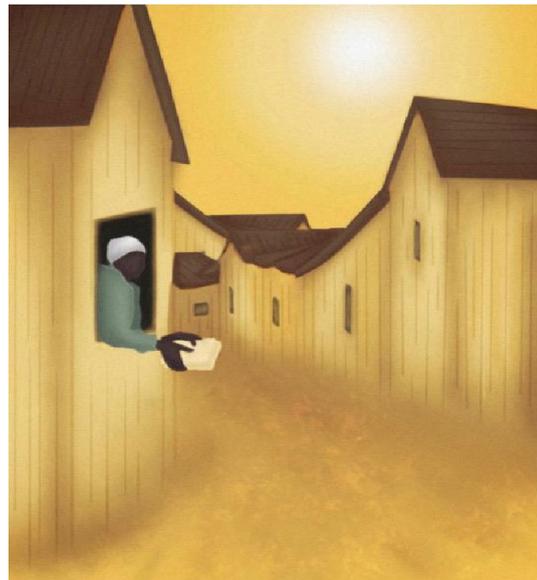
https://youtu.be/q_EzDzltaeE

CAROLINA MARIA DE JESUS

*Poesia de Bruno Garcia, Breno Oliveira,
Rayhan Chamoun e Kayc Rodrigues*

Uma mulher que, por muito tempo, carregou uma cruz
 Uma cruz posta pela sociedade
 Que dizia já ter a igualdade
 Como poeta, Carolina parecia o Kaká dando bicicleta
 Porém, a sociedade era muito indiscreta
 Afinal, como uma negra iria saber escrever e ler naquela época?
 Demonstrado tamanho talento, as pessoas ficaram inquietas
 Com o pouco que Carolina ganhava,
 Mal se alimentava
 Tinha dificuldades de, até mesmo, alimentar os próprios filhos
 A situação dela poderia se comparar a dos andarilhos
 Carolina buscava o conhecimento
 Devorava os livros da casa do seu patrão
 Ela estava obtendo o seu próprio fortalecimento
 Afinal, ela queria e conseguiu mudar esse padrão
 Poderia não ser rica de bens materiais,
 Mas ficou rica em conhecimento
 O seu dom e talento eram sem iguais
 Existe maior riqueza do que o seu próprio fortalecimento?
 Carolina era uma mulher negra e de periferia
 Pobre e não foi aceita pela sociedade
 Porém, quando lia seus livros e fazia seus poemas, se enchia de alegria
 Até que comprou uma casa, voltou para Minas, onde morreu com 62 anos de idade.

*Arte de Ana Luíza
Santos de Andrade.*



FOME, MISÉRIA E MORTE NA RUA

*Poesia de Bruno Garcia, Breno Oliveira,
Rayhan Chamoun e Kayc Rodrigues*

Fome, miséria e morte na rua
Essa é a vida nua e crua
Nesse momento, a mãe está chorando
Sem dinheiro para comer enquanto a criança está brincando
No almoço, não há nada na tigela
E a criança sentada já está ficando amarela
No morro, um rapaz chora, pois um policial o levou mais um parente
“O mundo é tão injusto, meu irmão era só um adolescente”
Na rua, uma criança anda sem sapato
Enquanto faz carinho em um vira-lata com carrapato
Na minha opinião, sortudos são os que vão
Os que ficam têm que viver em um país manchado pela corrupção
Política, isso é um problema
Divide um país quebrado
Povo sofre sem dinheiro, pois o dinheiro tá com a suprema
E o pobre trabalha muito e nem é assalariado
Um país imundo com muito sangue derramado
Sem o básico pra viver
A realidade do brasileiro é ter que lutar pra sobreviver
Enquanto pessoas morrem, um maluco é exaltado
“Bandido bom é bandido morto, tá ok?”
Cara, quando você vive em uma zona de guerra, não tem nada ok
Se eu ligar a TV agora, vou ver mais de 170 mil mortes por COVID
Na festa do bom senso, o presidente não recebeu o convite
Nesse momento, a minha mensagem já foi passada
Resta saber de vocês, vão fazer alguma coisa ou vão ficar de palhaçada?

MAIS UM DIA DE BRASIL

*Poesia de Bruno Garcia, Breno Oliveira,
Rayhan Chamoun e Kayc Rodrigues*

Mais um dia no Brasil.
A aula começa cedo e o que o menino pensa:
pra quê alarme, quando há tiros de fuzil?
A professora não ficaria brava
E, se não parassem,
seria mais um dia sem aula.

Andar na rua, brincar de amarelinha enquanto as balas caem do céu
e voltar pra casa antes do jornal terminar,
porque o menino quer ver qual amigo morreu no dia e qual será o próximo velório que irá.

Mas a Kettelen, o Kauã e o Jefersson eram gente de bem,
só que as balas não escolhem seus alvos.
Não é o que dizem? Não deveriam estar na rua na hora da operação.
Mas, eram crianças,
agora jazidas no chão.

Mais um dia no Brasil.
A única coisa que não costumam dizer é que não viram o negro ser atingido.
Quando, na verdade, se preocupavam se, em suas mochilas, armas haviam escondido.
Mais um dia no Brasil.
O bandido sobe o morro e o menino desce.
Seu sonho é ser jogador de bola,
mas não importa pra eles se, no caminho da escola, resolve dar um pão pra um amigo.

Um amigo que se perdeu na boca.
A polícia o prende como cúmplice do tráfico de drogas.
O menino tenta falar que o irmão já não come há dias e está febril,
mas a farda deixa o homem orgulhoso
e, nem após o linchamento do familiar, justiça o menino viu.

E ele continuou a descer o morro,
chorando e apelando pro governo ajudá-lo.
Uns jogaram migalhas, prometendo educação e emprego nas estatais,
tudo longe da favela e escolas municipais.

Outros deram armas aos imbecis,
jogaram esperanças na cara do povo
enquanto, a cada dia, mortes ele ainda viu.

E sabe qual é o pior disso tudo?
Esse é só mais um dia no Brasil.

*Arte de Ana Luíza
Santos de Andrade.*



UMA SITUAÇÃO “COMUM”

Poesia de Bruno Garcia, Breno Oliveira,
Rayhan Chamoun e Kayc Rodrigues

A situação no Brasil, é fácil de se entender,
Enquanto uns catam migalhas pra de fome não morrer,
Alguns filhos veem os pais rapidamente adoecer.

Uma mãe de 3 filhos luta diariamente pra vencer.
Diariamente crianças morrem.
“Muito triste, mas é normal!”

Preço da gasolina subiu
“Vamos fazer uma manifestação quase internacional?”

Você se pergunta,
“Onde está tudo isso? Toda essa algazarra?”

A resposta é simples,
É difícil ver a dor da janela da sua casa.

“Onde está toda essa dor?”
O silêncio, sobretudo, é ensurdecedor.



Arte de Juliana Pereira, João Romão, Gabriel Lima e Kauã Barbosa de Jesus.

COMO DIZIA O POETA

*Poesia de João Alencar, Ícaro Alencar,
Álvaro Azevedo dos Santos e João Carlos
Rodrigues Maura Rocha*

Como já dizia a poeta,
O negro só é livre quando morre
Quando ele morre, há comoção
Mas, a justiça é uma negação

E o caso Carrefour?
Aquilo foi uma aberração
Seguranças despreparados
E sem amor no coração

Temos o caso Marielle
Até hoje sem explicação
Será que eles acham piada?
Eles nos devem satisfação

Tudo isso parece novela
Que sempre há reprise
Até quando esse enredo vai ocorrer?
Será preciso outro Luther King nascer?

E, no fim,
Ficam uns questionamentos
Até quando isso vai acontecer?
Quanto precisarão morrer?



Arte de Juliana Pereira, João Romão, Gabriel Lima e Kauã Barbosa de Jesus.

CAROLINA MARIA DE JESUS
VIU, NA ESCRITA, A LUZ

*João Alencar, Ícaro Alencar, Álvaro Azevedo
dos Santos e João Carlos Rodrigues Maura Rocha*

Carolina Maria de Jesus viu, na escrita, a luz
Para mostrar a todos como é a dor de um favelado
E quanta experiência ela lhe produz.

Assim como ela,
Também vivo na favela
Não convivo com a fome e a pobreza
O principal problema é a guerra.

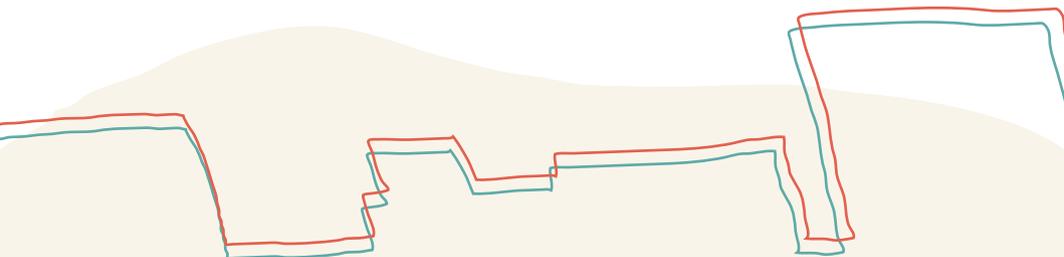
Canindé ou Morro do Sinal
Locais distantes
Porém, com sofrimentos constantes.

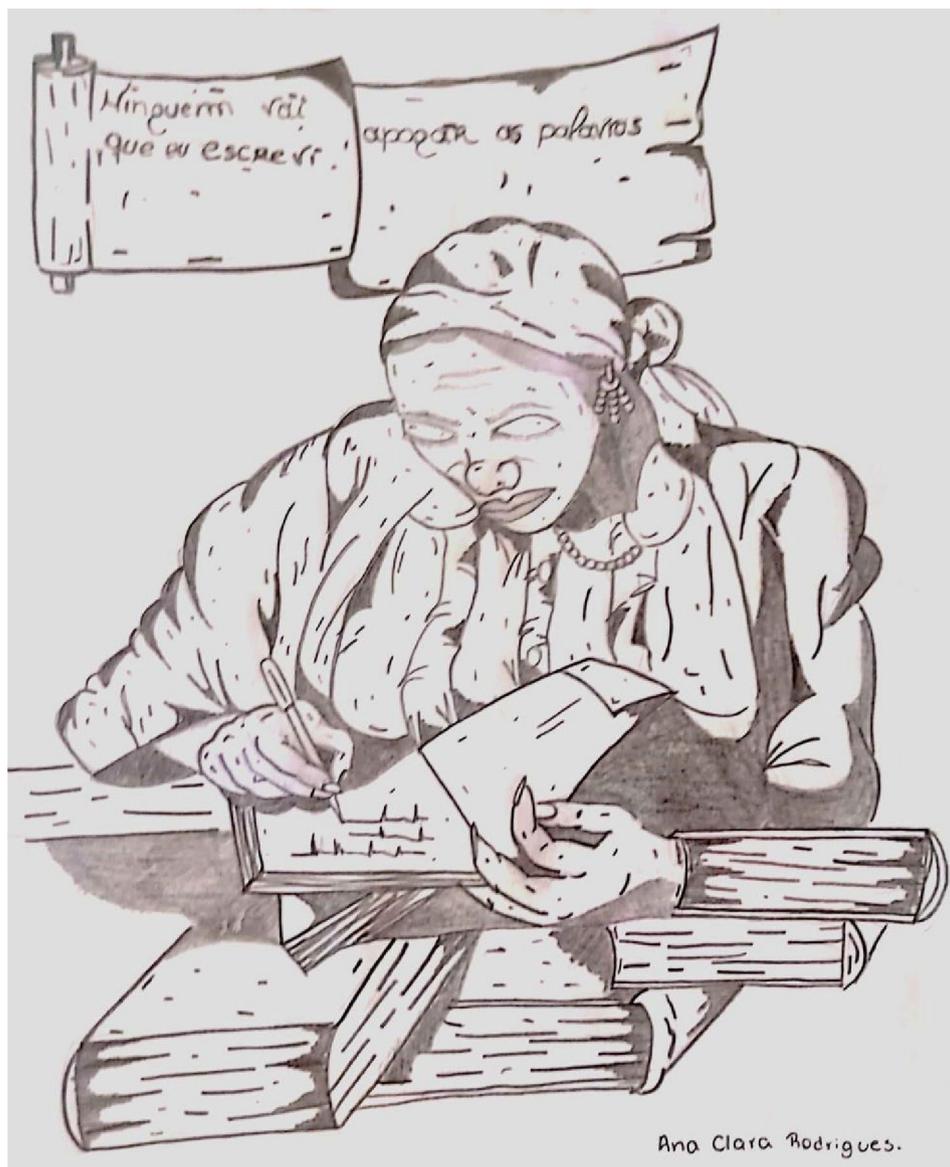
A amarela ou uma bala perdida
Ambas podem acabar com a vida
Em tom de comparação,
É mais fácil ganhar um tiro vindo de um policial do que uma alimentação.

De 1960 a 2020,
Vários anos se passaram e o favelado não quer nada demais
Com pouca expectativa de vida,
Os moradores de comunidade só querem respeito e paz.

Minha vivência não chega nem perto da de Carolina
Mas quis mostrar meu ponto de vivência daqui de cima
Onde os nossos seguranças nos oprimem
E o mais triste é ver os 'menor' se envolver no crime.

Mas, vivendo em meio à dor,
A simplicidade é o que mais tem valor
Desde Carolina até hoje, o favelado segue sendo colocado pra trás
E, mesmo com toda dificuldade,
A favela vive sangrando e implorando por paz.





Arte de Ana Carla Lemos dos Santos Morgado, Ana Clara Rodrigues Ramos,
Arthur Nunes Faria e João Pedro Gonçalves Tosetti.

ENCONTRANDO TESOUROS

Poesia de Cristian Vitor Ribeiro de Souza e Kaiky Carvalho da Silva

“Eu estava procurando inspiração para fazer um poema, e percebi que, no Brasil, o slam é dominado pela cultura marginal/periférica e, geralmente, com um discurso de revolta e melancolia; mas eu pesquisei um pouco mais e vi que, no mundo, os poemas são mais alegres, calmos e até engraçados, como o do campeão mundial de 2012” (Cristian Vitor Ribeiro de Souza).

Your name is Harry baker
But my name isn't Harry Baker
So our name aren't the same

E isso me deixou alegre, porque eu não gosto de expressar raiva ou tristeza, então poderia assim expressar alegria...

Mas eu precisava de nota
Falar sobre a periferia
Não tive resposta...

Mas, afinal, a favela é só tristeza?
Um quarto de despejo com muita sujeira?
Será que só há pobreza?
Não há riqueza?

Será que há apenas dor?
Será que só tenho uma caneta hidrocor?

Talvez me falte papel
Posso pegar um pincel?
Pegar uma aquarela...
Pra pintar uma tela?

Pra mostrar que na favela
Tem tesouro
Um baú cheio de ouro

Gente com capacidade
Criatividade
Mesmo em meio à dificuldade,
Capaz de fazer sua arte
E, da favela, um museu...



Arte de Ana Carla Lemos dos Santos Morgado, Ana Clara Rodrigues Ramos, Arthur Nunes Faria e João Pedro Gonçalves Tosetti.

*Juliana Pereira, João Romão,
Gabriel Lima e Kauã
Barbosa de Jesus.*



“OFF!” (SUSPIRO)

*Poesia de Cristian Vitor Ribeiro
de Souza e Kaiky Carvalho da Silva*

Eu ‘tô’ cansado, eu ‘tô’ cansado
De olhar pro lado, de olhar pro lado
E ver problema
Ver problema em todo lado

Sem desânimo,
Levantar pra mais um dia,
Sem escândalo, família,
Lutar pelo pão de cada dia

Suor na testa,
Sangue a 40 graus,
Sozinho resolvendo os problemas
Segurando um pouco de paz

Mas, a cada 4 anos,
Retorna o papo
A cada 4 anos,
Quando termina o mandato

Vem um prometendo
Ficar do nosso lado
Chega dizendo
“Farei o certo, não o errado”

Mas, o que fazem?
Nos protegem?
Não,
Apenas tiram o que é da gente.

Dizem fazer favores
Mas o que estão pensando?
Sou eu que ‘tô’ pagando
E pagando horrores

E eu ‘tô’ cansado
Cansado de pagar
E não ter solução
Cansado de falar, reclamar
E não ver reação

O problema não ‘tá’ nas folhas da árvore
O problema ‘tá’ na semente
O problema não ‘tá’ na favela
O problema ‘tá’ acima da gente
Esse não é o diário da Carolina Maria de Jesus
É apenas o suspiro de alguém carregando a sua cruz...
Off! (alívio)



Arte de abertura da seção

Arthur Nunes Faria, Kayc Rodrigues, João Carlos Rodrigues, Daniel de Sá, Yan Marcelo Ferreira, Rayhan Chamoun, Ana Luiza Santos e Álvaro Santos.

Produção audiovisual

Gabriel Buas, Daniel Pinheiro, David Lobão, Emanuel Feijó e Jamilly Gabriela.

Organização

Julia Queiroz, João Pedro Prado, Iago Fidelix, Igor Pinheiro e Gabriel Farias.

Seção III - 1004 A

<https://youtu.be/PfVO97j-Zxk>

SEÇÃO IV - 1004B

https://youtu.be/zcbXHxh_xa0

*Inspiração de
Uma arte esquecida*



"o livro é a melhor invenção do homem."

O DESPEJO É A NOSSA TRAGÉDIA

*Poesia de Rafael Ribeiro, Leticia Nunes,
Maria Cláudia e Lucas Gabriel*

Oficina de preconceito,
se é preto não é aceito
numa elite só de branco,
Carolina causa espanto
fazendo ode à favela
sem romantizar, sem balela
só poesia nua d'uma vida amarela

sem comunismo, só realismo
pedindo pouco e comendo lixo
dos que vivem no topo endeusando o "mito",
enquanto o preto morre de tiro.

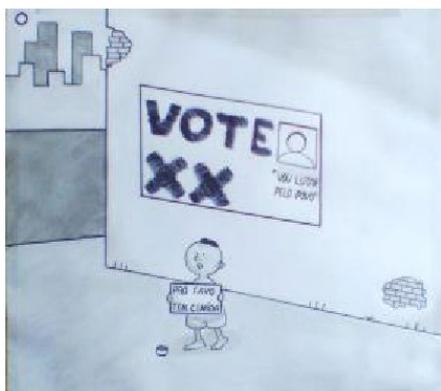
dizer que é vitimismo é fácil
quero ver ser espancado,
perseguido e chamado de macaco
porque, enquanto branco faz "hashtag",
mais um preto é morto pelo fardado

Brasil é o país do preconceito
aqui, playboy passa com baseado na mão,
mas, se fosse preto e pobre,
era direto pra prisão,
e ainda dizem que não há discriminação

guerra às drogas
põe o jovem pobre no caixão
com esses políticos que não entendem a realidade
com leis e mais leis
que não condizem com problemas de verdade.

é tanto racismo e exclusão,
que o preto e favelado
mal tem acesso à escolaridade
é triste saber que dependemos do governo desses animais,
aqui, enquanto uma parte passa fome, a outra pede mais.

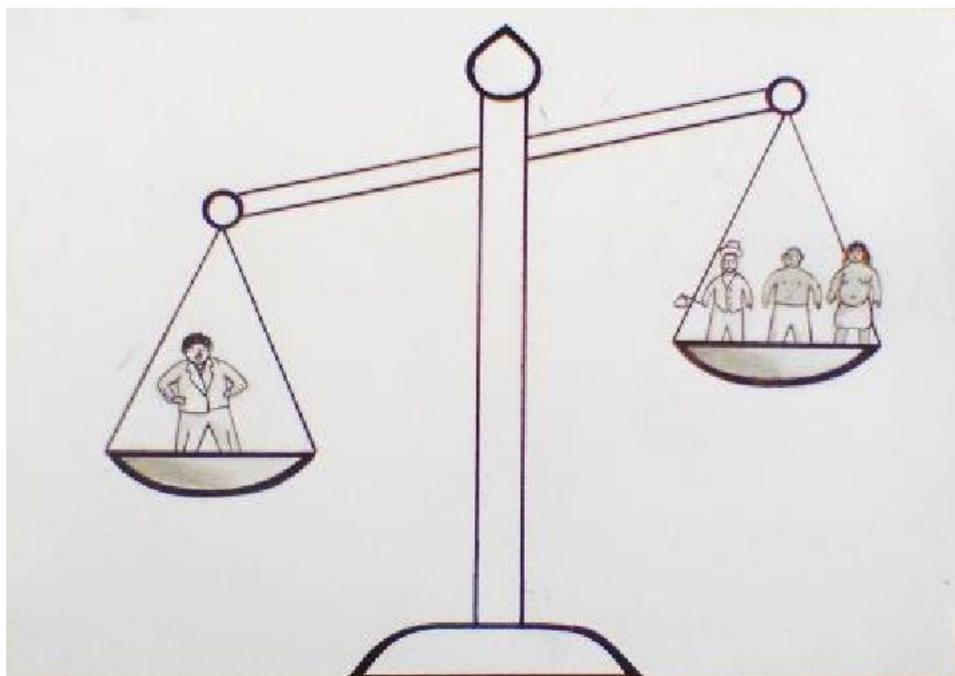
dizem que temos os mesmos direitos,
mas sabemos que, no Brasil,
não funciona assim
mesmo que existam aqueles que neguem os problemas sociais,
é como Carolina diz:
"as misérias são reais!"



Arte de Matheus Vieira, Ryann Goulart, Sergio Porto e Marco Alberto.



Arte de Otavio Augusto, Priscila Maia, Alex Fortunato e Roberto Garcia.



Arte de Matheus Vieira, Ryann Goulart, Sergio Porto e Marco Alberto.

JÁ DIZIA CAROLINA

*Poesia de Rafael Ribeiro, Leticia Nunes,
Mária Cláudia e Lucas Gabriel*

Brasil, um país lindo sim!
porém, onde o preto não pode ter orgulho de si
nossa pele é discriminada
somos apenas raça
pretos, pardos, amarelos e indígenas
isso é um absurdo!

ontem, mais um virou estatística
largado no asfalto
mais um “confundido” como ameaça à população da periferia

ameaça são eles
que mataram mais um filho inocente de uma Maria.

a escravidão não acabou e somos prova disso.
o rico trabalha de casa
enquanto o pobre quase se mata para receber um salário mínimo
que, por sinal, hoje não dá pra nada
pagar aluguel, água, luz e comida.

ainda aparecem na TV
e dizem que nos ajudam de diversas formas
parece uma grande piada,
mas já dizia Carolina:
“antes o que oprimia o homem era a palavra calvário,
hoje, infelizmente, é o salário!”

ouviu-se uma voz,
veio lá de perto do tambor
do preto, pobre e sonhador
quem vê assim
pensa ser uma história de terror
da preta que acorda cedo para trabalhar, para depois estudar,
do preto que tem de escolher
entre trabalhar ou trabalhar

acordou cedo,
procurou e procurou
e, para piorar, o dinheiro faltou

na correria,
a preta vai para a faculdade de História
“chegou tarde” – o branco disse –
“você perdeu a aula sobre racismo!”

VIVER UMA VIDA

Poesia de Leonardo Cruz

Viver uma vida
Sem oportunidade
Sem saber como poderia
Crescer de verdade

O que falta? Pode até ser
Educação, dinheiro ou poder
E o que pode mudar?
Uma chance de melhorar

Pois “pobre não descansa”
Não para de tentar
Mesmo se cair ao lutar,
Não pode repousar

Chance de mostrar
O que pode fazer
Aprender
Crescer

Sim, um quarto de despejo
Onde o único desejo
É poder ficar à vontade
Em um lugar na sociedade

Por que não tentar?
Uma chance a todos dar?
Todos podemos provar
Que também podemos lutar?

Uma barreira que nos separam,
“Quem inventou a fome são os que comem”
E os que não comem
Experienciaram

Não é menos capacitado
Quem deixou de lado,
Só não mostrou ainda
Que pode vencer na vida



Arte de Victoria de Oliveira, Thyago Andrade e Thomas Alvarenga.



*Victoria de Oliveira, Thyago Andrade e
Thomas Alvarenga.*

CAROLINA MARIA DE JESUS

|||||
 Poesia de Lucas de Brito Carmo, Luiza Willemen,
 Reinaldo Junior e Nattan Gomes Silva Cortes

A arte tornou-se forma
 O céu se ilumina
 A estrela brilha
 Humildemente chega ao mundo
 Do coração de Sacramento,
 Carolina Maria de Jesus.

Desde criança,
 já se manifestava
 educação e escola
 era o que queria.
 Agora sem mãe e sozinha
 o mundo há de enfrentar
 e a vida não compreendida.
 Jogados no quarto de despejo,
 para a sala de visita,
 são lixo.
 Abram-se as cortinas
 o espetáculo começa,
 nasce a favela!

Comer ou dormir,
 eis a questão.
 O favelado não tem um dia de descanso.
 Se não, é capaz de amanhã não ter um feijão no prato.
 E a música ecoa na barriga,
 quem dera fosse de satisfeita!
 Ovos ou sopa de ossos,
 não se tem preferência.
 Ou come, ou passa fome.
 Dura é a vida do pobre!

De 4 em 4 anos,
 os de gravatas vêm se importar.
 Que piada!
 Na real, apenas nos suportam.
 Tudo prometem,
 mas nada fazem.
 Somos atraídos, deslumbrados
 e, no final, nos dizem, e daí?
 E ainda tem os falsos messias...
 Pra eles, eu digo
 que a melhor arma
 é a revolução.

É duro ver o reflexo
da mulher já desacreditada.
Que exista conto de fadas!
Calam a nossa voz,
tomam posse do nosso corpo,
destroem a nossa alma.
Mãezinha, o que eu faço?
Já a olham com outros olhos
e ainda falam, é só denunciar!
Me diz como
se até com provas
sou humilhada!?
Excelência, eu só peço
RESPEITO!

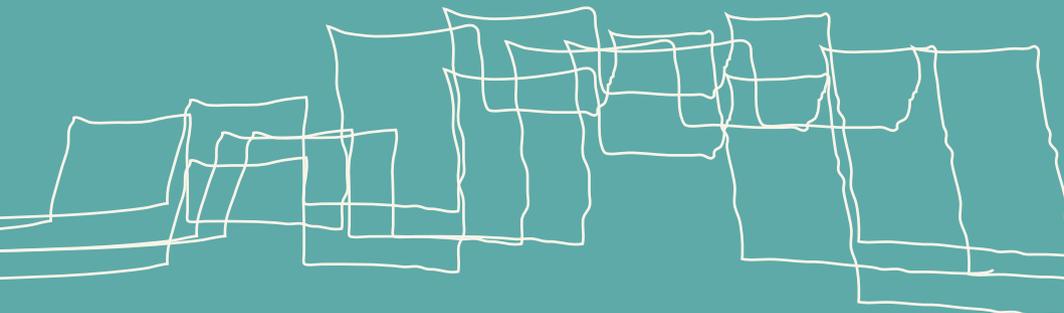
O racismo não existe?
Quem te enganou na resposta?
A cada 23 minutos, morre um jovem negro no Brasil.
E, aí, não fica preocupado?
Não adianta, corre pra casa “neguim”!
É capaz de você nem chegar, ou, pior, morrer no seu lar.
Leu? Raciocinou? CASA
lugar de proteção virou de execução.
A culpa é da vítima, eles dizem.
Parece que se inverteram os papéis...
Joelhos no pescoço, não se pode gritar.
Tiros na kombi, não se pode reagir.
80 tiros POR ENGANO
Cadê o exército?
Espancado até a morte
Cadê a segurança?
Até com o uniforme da escola, virou suspeito.
A carne mais barata do mercado é a carne negra.

Quem dera tudo isso
fosse um pesadelo.
Mas, na verdade,
essa é a dura realidade
da mulher, do preto,
do pobre e do favelado.
Pega a visão!
Aqui não é Titanic.
O navio não afundou.
Nós tá tipo fênix,
ressurgindo das cinzas.
E tenho orgulho de gritar:
RESISTIMOS!

Entre becos e vielas,
destacou-se Carolina de Jesus:
mãe solteira, guerreira, favelada
e amante da escrita e leitura.
Em relatos e desabaços,
mostrou ao mundo
o olhar do favelado.
Mostrou que a arma mais poderosa
de mudar o mundo é,
sobretudo, a Educação.
CAROLINA PRESENTE!



carolina





Arte de abertura da seção

Nathan Marques, Lucas Soares, Otávio Tadeu Rodrigues, Rafael Caminha, Priscila Maia, Otávio Augusto Poses, Welther Carlos Matos e Luiza Pontes.

Produção audiovisual

Lucas Soares da Fonseca Rosa, Otávio Tadeu Rodrigues Assis, Nathan Marques da Silva, Ryan do Prado de Oliveira e Luan Neves Nogueira.

Organização

Pedro Rodrigues, Marcus Vinícius Maciel Gomes, Welther Carlos Matos e Maxwell Moreira da Silva.

Seção IV - 1004B

https://youtu.be/zcbXHxh_xa0

ELES SÃO BONS EM PROMETER

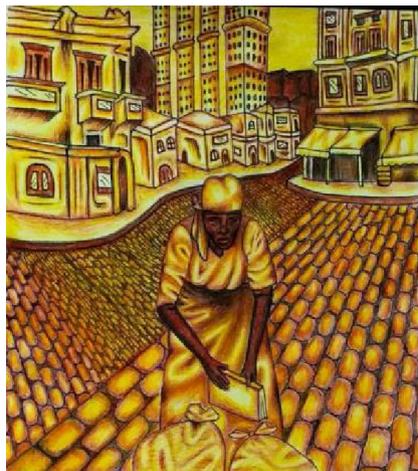
Eles são bons em prometer
Nós, em esquecer
Custeamos seus ostentos
Às nossas almas, perecimento

As pupilas veem o amarelo
O amarelo, não o lúdico, mas sim o amarelado
Que lhes aflige a essência
Subjugados pela avareza
Confinados pela negligência
Meritocracia? Uma proeza

Tampouco à mercê do esplendor eterno
Suscetíveis ao tremor como subalternos
Vivendo no verdadeiro inferno
Nem mesmo dignidade para sobreviver
Somos muitos, grandiosos e numerosos
Somos nada aos olhares danosos
A hereditariedade nos proporciona exclusão
Quantos Caninés foram deixados em vão?

Nas páginas da história queimaram nosso prelúdio
Em troca nos deram repúdio
Prometidos ao ódio visceral
Afetados pelo destino paradoxal:
Não mais escravos
Mas escravizados pelo custo de vida

Poesia de Mônica Vitoria, Pedro Henrique e Lucas Correia



Arte de Kaio Fabio Ferreira Azeredo, Otávio Augusto de Sousa Brito e Silva, Yasmin Ferreira Belarmino* e Talia Ferreira Belarmino**.

Arte de Victor Gabriel Viana Barcelos, Yago Santana Alves Soares, Nathã Diniz da Silva Carlos e Millainy Luciano Miranda Gomes



*Imagem inspirada no poema "Eles são bons em prometer" e no seguinte trechinho de *Quarto de despejo*: "Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou aos meus olhos". ** Yasmin Ferreira Belarmino é estudante do 3º ano Ensino Médio Integrado com Técnico em Automação Industrial.

SEUS PÉS, SEMPRE DESCALÇOS

Seus pés, sempre descalços
Pela favela se espalhavam boatos
Em seus cadernos, havia traços
Ali estavam seus relatos

Narrava seus obstáculos
A rotina árdua, frustração
À visão de muitos, um espetáculo
De curta duração
Enquanto sonhava com os livros,
Mantinha papel e caneta em mãos

Foi mãe, poetisa
Catadora de papéis que vagava pelas ruas paulistas
Multifacetada, pela mídia foi “valorizada”
Depois descartada
De que servia uma antiga favelada?

Que recuperemos suas memórias
Nos lembremos de sua trajetória
Cunho artístico
Teor político
Sua representatividade,
Um antídoto.

*Poesia de Mônica Vitoria Pedro
Henrique e Lucas Correia*

*Arte de Amanda Nunes de
Oliveira, Julia Cristina da
Silva, Nicole dos Santos
Mourente Miguel e Wallace
Müller de Souza.*



*Arte de Victor Gabriel Viana Barcelos,
Yago Santana Alves Soares, Nathã Diniz
da Silva Carlos e Millainy Luciano
Miranda Gomes.*



O MUNDO É COMPLICADO

Poesia de Mônica Vitoria,
Pedro Henrique e Lucas Correia

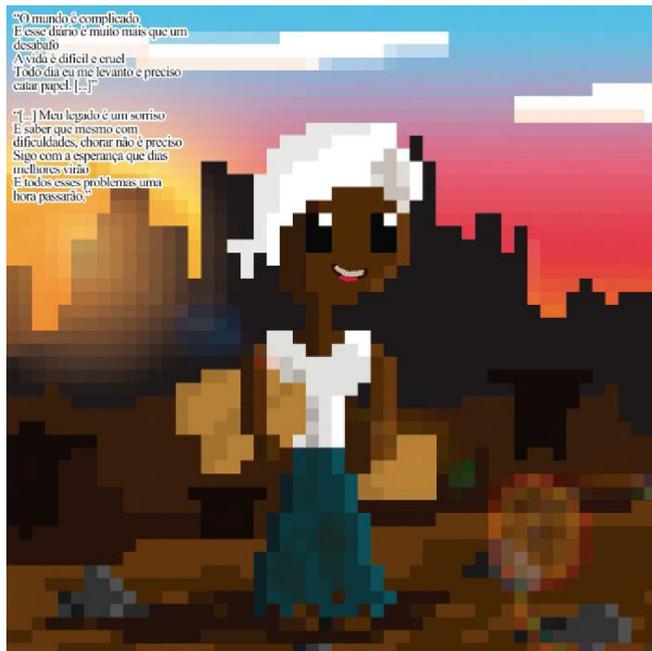
O mundo é complicado
E esse diário é muito mais que um desabafo
A vida é difícil e cruel
Todo dia eu me levanto e preciso catar papel

Aqui nós vivemos sem suporte
O governo? Só ajuda quem tem sorte.
E, aqui no Canindé, me sinto presa aos anos
Minha vida é uma luta tipo gregos e troianos

Eles me julgam e pra sempre vão falar
Mas ando com a fé, já que não costuma falhar
E essa é a minha verdade
Enquanto eu viver, não abro mão da liberdade.

Meu legado é um sorriso
E saber que, mesmo com dificuldades, chorar não é preciso
Sigo com a esperança que dias melhores virão
E todos esses problemas uma hora passarão

Arte de Victor Gabriel Viana Barcelos, Yago Santana Alves Soares, Nathã Diniz da Silva Carlos e Millainy Luciano Miranda Gomes.



MAIS UM DIA DE FAVELA

*Poesia de Mônica Vitoria,
Pedro Henrique e Lucas Correia*

Mais um dia na favela
E levanta ela
E vai pra rua trabalhar
Que hoje outro dia vai raiar
Que de novo a fome cresce
Que Vera precisa de sapato
E Carolina adoecer

E já é outro dia na favela
E lá vem a mesma cor amarela
A mesma fofoca
A mesma perseguição
Daquele que na teoria seria seu irmão
Mas que, quando você precisa,
Não te dá nem uma unha,
Quem dirá a mão

E já é outro dia no Canindé
Carolina não tem mais força,
O que a levanta é sua fé
Às vezes, Carolina pensa em desistir,
Mas também pensa nas crianças
E, bem ali, entre latas e folhetos,
Ela achou um pouco de esperança

Carolina chega exausta mais um dia
Faz comida, lava roupa, e ainda alimenta sua filha
Ela leu, lia mais do que o que a foi passado
Ela escreveu,
E como escrevia...
Deixava com inveja o próprio Machado

Levanta Carolina,
COM a rotina já tá acostumada
E vai cantando,
Porque esse sorriso ninguém apaga
E chega em casa querendo uma folga
Pra beber uma cerveja... Não!
Comprar um bolo
Mas, calma!
Seu filho te prometeu que ainda te faz uma casa de tijolo

A vida não é fácil, Carolina
Isso você sabe bem
Sua obra, Carolina
Não vai ser esquecida por mim, nem por ninguém
Te apagaram, te negaram
Só porque você tinha algo mais a oferecer
Pois, no final, por mais que finjam,
Só querem ver o preto sofrer



Arte de Amanda Nunes de Oliveira, Julia Cristina da Silva, Nicole dos Santos Mourente Miguel e Wallace Müller de Souza.

EM MINAS GERAIS, NUMA ZONA RURAL



*Poesia de Luís Vitor dos Santos Souza,
Caroline Rodrigues e Ruan Schmidt*

Em Minas Gerais, numa zona rural
Aprendeu a escrita, de forma casual
Estudando, encontrou sua paixão
Escrever, com as palavras de seu coração

Em São Paulo, zona norte, viveu numa favela
Desempregada, com 3 filhos e abandonada
Por necessidade, teve que catar lixo
A fim de sobreviver e sustentar seus filhos

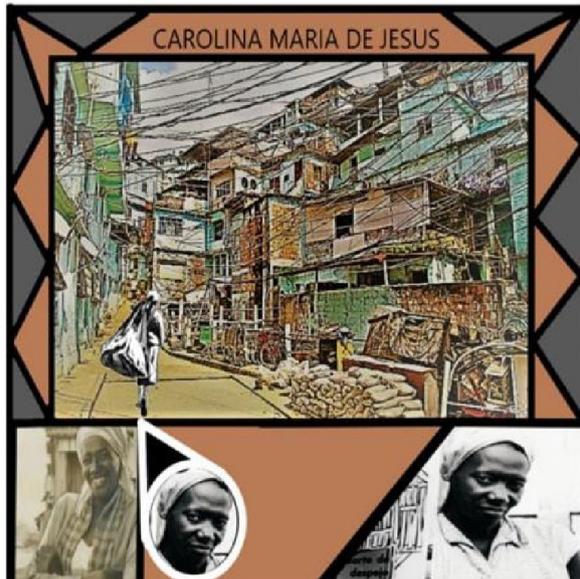
Cansada dessa vida, resolveu escrever um livro
Registrando os seus dias, de segunda a domingo
Quarto de Despejo, resultado de seu sofrimento
Onde demonstrava todo o descontentamento

Certo dia, acordava, hora de tirar a água
Outro dia, tinha que cuidar das crianças
Faturamento, brigas, cotidiano, tudo registrado
Para que tudo que ela passou, um dia, fosse lembrado.

Nesse momento, certamente uma vitória
A favelada que ninguém ligava, agora, fazia história
Sua paixão, a escrita, o que gostava de fazer
Foi o que a fez, em sua vida, crescer

Após a sua morte, ainda fica seu legado
O sofrimento da periferia, agora atestado
Para a elite, talvez esta não faça diferença
Mas, para quem precisa, recebe-a como “bença”





Arte de Victor Gabriel Viana Barcelos, Yago Santana Alves Soares, Nathã Diniz da Silva Carlos e Millainy Luciano Miranda Gomes.



Kaio Fabio Ferreira Azeredo, Talia Ferreira Belarmino e Otávio Augusto de Sousa Brito e Silva.

NA MARGEM DA TRISTEZA



*Poesia de Luís Vitor dos Santos Souza,
Ruan Schmidt e Caroline Rodrigues*

Hoje acordei mais uma vez nessa tristeza
Vivo na margem da sociedade
Acordo na tristeza
Durmo na tristeza

Vivo obrigada a ver meus filhos na tristeza
Tristeza de não saber se vou comer
Tristeza de não saber se irei conseguir dormir
Tristeza de saber que minha tristeza não tem fim

Vivo na margem da tristeza
Onde o sol não bate
Apenas na margem
Na margem da sociedade



Arte de Amanda Nunes de Oliveira, Julia Cristina da Silva, Nicole dos Santos Mourente Miguel e Wallace Müller de Souza.

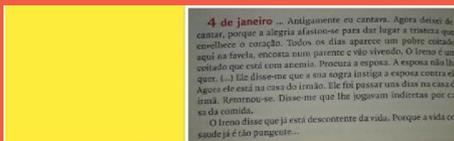


HUMANIDADE

Poesia de Luís Vitor dos Santos Souza,
Ruan Schmidt e Caroline Rodrigues

Depois de conhecer a humanidade
Percebi que eles são interesseiros
E falsos
Tratam a gente com cortesia
Mas é tudo hipocrisia
Eles são assim

Eu vou envelhecer e morrer
Eu não quero renascer
A humanidade é rude e perversa
Num mundo que não tem bondade, nem festa



Arte de Lúvia
Fernandes de
Souza, Samuel
Dutra Detone,
Spencer de Souza
Garcia e Nathã da
Silva Costa

Arte de Kaio Fabio Ferreira
Azeredo, Talia Ferreira Belarmino
e Otávio Augusto de Sousa
Brito e Silva.

O PRETO E A PRATA

*Poesia de João Vitor Monteiro
Mendonça da Silva*

A prata é o metal com poder de reflexão muito elevado.
Mesmo sendo mais reluzente que o ouro,
é um metal subvalorizado.
“Ah, João, mas é porque a prata é encontrada com mais facilidade”.
Mas, meu amigo, não entendo essa necessidade da procura do ouro.

Isso se assemelha à hoje em dia, sendo o preto, no Brasil, a maioria
ser alvo de preconceito todo dia.
Por que o branco é tão valorizado e o preto é tão desvalorizado?
Por que o branco tem mais oportunidade e o preto é deixado de lado?
Perante o preconceito, não fico conformado, ver um povo ser esculachado por
racista safado.

E, mais uma vez, enquanto eu escrevia um texto improvisado,
mais um homem negro foi executado
por seguranças do Carrefour, mais um George Floyd foi silenciado e assassinado.
Como já dizia Baco, “nós vive pela prata, tá, tá, tá”,
mas nossa realidade é “a polícia vê a prata, e tá, tá, tá”.

A guerra contra o racismo vem, principalmente, do estado.
Como confiar em alguém que diz proteger
mas, dia a dia e semanalmente, faz mais um jovem negro perecer
sem a oportunidade de crescer, se desenvolver e fazer sua vida valer?
De verdade, eu espero que, um dia, acabe tudo isso.
Todos os negros, um dia, deixarão o seu legado.
E que eu não tenha que ouvir de um jovem negro:
“Ser feliz é utopia”.

*Arte de Lívia Fernandes de Souza,
Samuel Dutra Detone, Spencer de
Souza Garcia e Nathã
da Silva Costa*





Arte de abertura da seção

Otávio Augusto de Sousa Brito e Silva, Vitor Gabriel Santos Costa, Wallace Müller de Souza, Julia Cristina da Silva, Paulo Roberto Soares Oliveira de Carvalho, Thiago Cardoso Pereira e Victor Gabriel Viana Barcelos.

Produção audiovisual

Vitor Gabriel Santos Costa, Thiago Cardoso Pereira, Paulo Roberto Soares Oliveira de Carvalho e Maria Luiza Sousa Venturini.

Organização

Rafaela Gouvêa Tavares e Wendell Luiz Porciuncula de Freitas.

Seção V - 1005A

<https://youtu.be/T6jgQt-9kXE>

SEÇÃO VI - 1005B

<https://youtu.be/cnF0U2kJicU>



CAROLINA MARIA DE JESUS, DA FAVELA PARA O MUNDO



*Poesia de Ana Carolina de Oliveira Matheus,
Kessya Samira, Davi Santos Fernandes
e Layse Borges Fernandes*

No dia 14 de março, nascia,
No estado de Minas,
Carolina Maria de Jesus
Futuramente poetisa.

Mãe, preta, guerreira
Não se envolvia na sujeira
Apesar de jogada na lama,
Batalhava de segunda a segunda-feira

Tinha três filhos,
Vera, João e José
Não tinham pai, somente mãe
Que fazia papel de mulher e mulher.

E quem é que não quer?
Um almoço na mesa,
Não precisava de muito,
Nem mesmo de sobremesa.

Acontece que...
Nem isso ela tinha,
Filhos pequenos, morava na favela
Sempre lutando sozinha.
Não importava se fazia chuva ou sol

Não importava o frio, ela saía
Precisava cuidar dos filhos
Solitária pelo caminho, ela ia.

Catava papel, ferro, latas
E tudo quanto lhe servia,
Carregava todo aquele peso
Ia no 'seu' Manoel e vendia.

E, em casa, ela chegava
Cansada pela sua jornada,
Todo dia, a fome e a pobreza
Com a situação, estava revoltada.

E, enquanto descansava, ela sonhava
Que num paraíso ela estava
Longe da imoralidade e pobreza
E, de repente, ela acordava
E que eu não tenha que ouvir de um jovem negro:
"Ser feliz é utopia".

E seu estômago ‘roncava’
 Tudo amarelo ela enxergava
 E agora o que faço?
 Ela sempre se questionava.

Todos os dias ela lutava,
 Com necessidade de se alimentar
 Procurava um amanhã melhor e acreditava
 Que um dia a fome não mais a acompanharia.

Ela lutava até onde dava
 Até onde podia alcançar
 Ela não parava de caminhar
 A esperança era a última a acabar.

Pela manhã, ela dançava e cantava
 Debaixo da luz do sol,
 “Astro-rei”, como ela chamava.

Quando a noite chegava,
 Seu peito apertava
 Rodeada de ilusões
 Ela se perguntava
 Quando chegariam esses tais

“Salvadores da pátria”
 De 4 em 4 anos, ela escutava,
 Enquanto da rua retornava,
 Que sua realidade mudaria,
 Mas não passava de mais uma promessa vazia.

A dura realidade transformou as crianças
 Que todos os dias enfrentavam a ignorância,
 Além da violência e do abuso na favela
 Que atingiam diretamente a vida delas

Carolina não queria mais viver assim,
 Mas o que poderia fazer?
 Já que os pretos na sala de despejo
 Não têm escolha para viver.

Como poderia mudar essa realidade que mata,
 Se ela rasgava o peito e dilacerava o estômago?
 Se o perfume que adentrava sua alma
 Tinha cheiro de lama, excremento e morte?

Como mudaria a história,
 Se, na escola da vida, ensinaram a ela, na verdade,
 Que não se tratava de passado e sim de presente,
 E ainda falavam de liberdade,
 Quanta coragem...

Com o que mais seria condenada além da miséria?
 Miséria que deixou profundas marcas,
 Marcas que ficaram na alma
 Que jamais seriam curadas.

Das mãos calejadas que acalentavam os filhos,
 Catavam papéis e separavam intrigas,
 Os olhos estavam cansados de ver sempre a mesma coisa
 Pobreza e brigas.



Arte de Nicolle Couto De Oliveira, Victor Heringer de Souza, Ana Carolina Theodoro e Giovanna Gonçalves Marcelo**.

Arte de Nicolle Couto De Oliveira, Victor Heringer de Souza, Ana Carolina Theodoro e Giovanna Gonçalves Marcelo*



Arte de Gabriel Prazeres***.

*Desenho inspirado no seguinte trecho do poema "Carolina Maria de Jesus, da favela para o mundo": "Catava papel, ferro e latas/E tudo quanto lhe servia/Carregava todo aquele peso/Lá no 'seu' Manoel vendia" / **Desenho inspirado no seguinte trecho do poema "Carolina Maria de Jesus, da favela para o mundo": "Tinha três filhos/Vera, João e José/Não tinham pai, somente mãe/Que fazia papel de mulher e mulher". / ***Desenho inspirado no seguinte poema "Carolina Maria de Jesus, da favela para o mundo".

SOBRE VIVER: A LUTA DE CAROLINA MARIA DE JESUS



*Poesia de Ana Carolina de Oliveira Matheus,
Kessya Samira, Davi Santos Fernandes
e Layse Borges Fernandes*

A mensagem foi recebida
Sim, senhor
Dizia que a liberdade
Acabava com a dor
Mas eu sabia o que ocorria
“O negro só é livre quando morre”
Minha mente dizia

E tudo se complicou
Depois que o Estado
À essa conclusão chegou
Tentaram liberdade em massa
O resultado?
Perdas de almas que poderiam ser salvas

Mulher, preta, favelada
Constantemente era julgada
Alguém que só levava tapa na cara
Como poderia ser delicada?

Até no lixão, nasce flor,
Eles retrucavam
E, então, ela se perguntava
Se o erro estava
Em suas mãos calejadas
Que não conseguiram os incendiar
Com uma realidade florida

Ou será que a culpa vinha
Do sangue pisoteado na rua?
Do marido que batia na esposa?
Do roncar do estômago de seus filhos?
Como escreveria sobre flores
Se lhe restaram os espinhos?

E muito falava sobre a fome
Que machucava o estômago
Deveria dar ênfase
Ao racismo que feriu a alma

Mas é que eram tantas lutas
Que lhe faltavam estrofes
Escolhia uma pra falar
Enquanto outras 10
A encurralavam em um beco e
Lhe obrigavam a sobreviver
Ao invés de viver

E, quando se sobrevive,
Se aprende a ressignificar seus sonhos
Sem luzes, sem show
O maior espetáculo do pobre era comer

Suas desculpas
De nada adiantavam
Se já não tinha forças
Se só lhe sobravam dor
A caneta e o papel

Quando falava que era poetisa,
Lhe perguntavam como via o mundo
Amarelo, seu corpo respondia
E, às vezes,
Quando a imaginação lhe tomava conta,
Preto e branco,
Ela dizia

No fim, estavam certos
Do lixão, realmente nascia flor
Suas poesias e seus relatos
Que, durante anos, foram regados
Se viram, enfim, publicados

Passado seu sofrimento,
Sua felicidade retornara
Dias de glória, ela afirmava
Os de luta, já não mais aguentava

Sua história foi reconhecida
Em sua vida, houve melhoria
O seu maior desejo foi realizado
Viver na favela não foi mais necessário

Achou que seus anos de ouro haviam chegado
Que o lixo agora seria apenas pra descarte
E não à la carte
Mas se esquecera que o pobre só era visível
Sendo pobre

Enfim, teve voz
E, além de ter seu talento descoberto,
Também tivera seu mundo
Carolina o enxergava
Como deveria ser
Colorido

Acreditou que a realidade seria diferente
Que viveria como gente
Aproveitaria os sabores da vida
Sem preocupação com a comida do outro dia.
Mas não havia no mundo

Algo que a fizesse mais feliz
 Do que Vera, João e José
 A pureza de seus filhos
 Seus sorrisos sinceros
 Eram mais valiosos que a carne que enfeitava seu prato

A realidade, no entanto,
 Bateu à porta
 Só sua dor vendia
 Pobre sorrindo não fazia sucesso
 Lhe diziam

E, então, se viu num caminho sem saída
 Como escreveria sobre o que não vivia?
 Como venderia um sofrimento que não mais a pertencia?
 Como retornar ao passado, agora que estava cuidando de seus machucados?

Seu sofrimento estava retornando
 Mas, dessa vez, de forma pública
 Porque lugar de preto é na sala de despejo
 Sem opinião e qualquer outro direito
 Só isso é que faz o sucesso e o dinheiro

Carolina foi vítima do meio social
 A consumiram como um 'fruto estranho'
 E depois a deixaram à mercê, mais uma vez,
 De descoberta a esquecida,
 Havia perdido sua vez

*Arte de Nicolle Couto De
 Oliveira, Victor Heringer de
 Souza, Ana Carolina Theodoro e
 Giovanna Gonçalves Marcelo.*



** Escultura criada com latinha de Coca-Cola, buscando representar a Carolina e os três filhos dela (Vera, João e José). A arte busca provocar ao usar lixo, o mesmo catado por Carolina, para fazer arte.*

ERA DE ORIGEM HUMILDE*

*Poesia de Davi Monteiro, Erick Camara Castro
e João Pedro Moura*

Era de origem humilde,
e gostava de ler.

Tinha escrita tão nobre
Que fez sucesso pra valer.

Uma mulher do interior
Que se mudou pra cidade grande.

A sociedade superou,
E se tornou poeta importante.

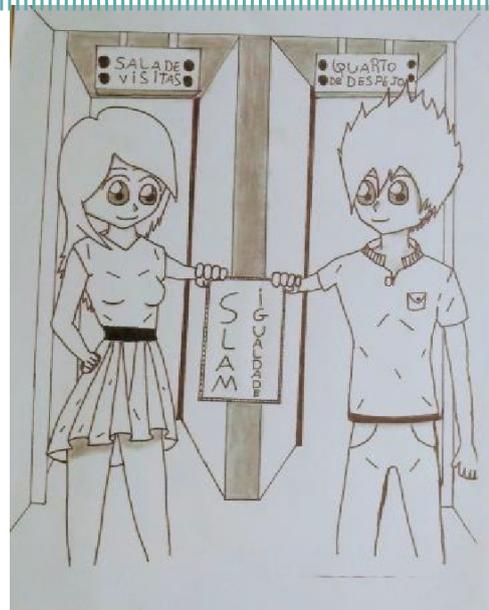
Também, o próprio slam, ela inspirou.

Mesmo de família tão pobre,
Poetisa ela virou!

“-Poeta, por que choras?
Mas que melancolia!
– É que minha alma ignora
O esplendor da alegria.
Este sorriso que em mim emana,
À minha própria alma engana.”

Essa vida na favela
Que levava todo dia,
Contou sempre sincera,
Carolina Maria.

Arte de Gabriel Prazeres.



**Conforme os estudantes, o poema cita a origem de Carolina Maria de Jesus e o seu amor pela escrita.*

QUANDO A NOITE CALA*

Poesia de Davi Monteiro, Erick Camara Castro
e João Pedro Moura

Quando a noite cala,
A fome vem lhe acordar.
No vazio das ruas,
reza pra algum alimento encontrar.
Nunca foi de fraqueza:
sempre erguida, movida a lutar.
Um passo por vez para um novo caminho encontrar.
Em um rascunho de papelão,
falava sobre a pobreza e aflição,
Realista e com muita inspiração.
Força, raça e bravura
esculpidos no coração
– Foi, assim, que a vida
de uma simples mulher
tornou-se poesia na sua mão

Arte de Kaik Carvalho Cabral
da Silva.



**Segundo os estudantes, o poema apresenta a realidade das mulheres pobres. Muitas têm seus sonhos, mas não podem realizá-los por causa de sua condição financeira e ausência de oportunidades.*

OUSANDO SER LIVRE*

*Poesia de Davi Monteiro, Erick Camara Castro
e João Pedro Moura*

Ousando ser livre,
saiu pra lutar.

A liberdade se conquista
pra quem sabe sonhar.

Chegando mais longe do que se pode ter,
mulher de atitude não aceita sofrer

*Arte de Kaik Carvalho
Cabral da Silva.*



**Explicação do grupo: “Mesmo materialmente limitadas, muitas mulheres não se deixam convencer com sua situação e buscam fazer o melhor para suas vidas e a sociedade”.*

DO PAPEL AO LIVRO

*Poesia de Guilherme Moraes
e Jean Felipe Gonçalves*

Em Sacramento, no interior de Minas,
Nasce uma mulher negra, uma bela menina.
Neta de escravos, mãe lavadeira,
Com ajuda da freguesa, a escola frequentará
Para São Paulo, a família decide se mudar,
Perdeu a sua mãe e começou a trabalhar,
Faxineira, empregada na Santa Casa de França,
Trabalhando para sua família fome não passar,
Em uma pequena favela em São Paulo,
A literatura a acolherá, catadora de papel
Lê tudo que recolhe e guarda as revistas que encontra,
Sonhando em ser escritora, vai à redação do jornal
Com o seu poema publicado, uma reportagem sobre a favela
uma favela humilde e carente com famílias.
Muitos passam fome, e o governo não liga!
São pobres negros para quem promessas não são cumpridas
Até que, um dia, seu diário fez o governo enxergar
Diário de uma favelada, na consciência dos políticos faz pesar,
Com o sucesso da venda seus livros,
Fome sua família não passará,
Uma condição melhor para sua família,
Carolina poderá os dar.
Uma mulher negra que cresce com a literatura
Em mundo muito preconceituoso onde você é visto pela sua cor
Se você nasce negro e pobre, as pessoas não aceitam onde você pode chegar
Devemos mudar
Ver o mundo de outra maneira
Isso nos ajudará a aprender e educar para amanhã o preconceito acabar!



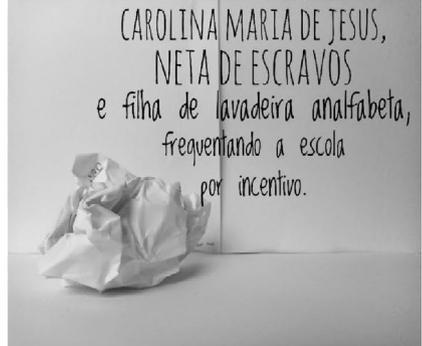
**CAROLINA MARIA DE JESUS, NETA DE ESCRAVOS
E FILHA DE LAVADEIRA ANALFABETA**

*Arte de Gabriel
Rastoldo, Diogo
Aguiar, Ana Clara
Gandra e Pedro
Toffano.*

QUARTO DE DESPEJO
 Maria Carolina de Jesus



CAROLINA MARIA DE JESUS,
 NETA DE ESCRAVOS
 e filha de lavadeira analfabeta,
 frequentando a escola
 por incentivo.



MESMO COM POUCO TEMPO
 de estudo já se apegou à leitura
 E À ESCRITA.
 Morando na favela
 e catando papel, lia tudo que podia,
 ESCRREVENDO SUA VIDA AFLITA.

Arte de Gabriel Rastoldo, Diogo Aguiar, Ana Clara Gandra e Pedro Toffano.



Qr Code – GIF (está na seção VI)
<https://youtu.be/Nry0YYWFG9I>

Arte de Gabriel Rastoldo, Diogo Aguiar, Ana Clara Gandra e Pedro Toffano.



Arte de Clara Ribeiro, Caio Carvalho, Cecília Brasil e Júlia Pimentel.

Arte de Clara Ribeiro, Caio Carvalho, Cecília Brasil e Júlia Pimentel.*



**Imagem inspirada no poema "Do papel ao livro", mais especificamente, ao trecho "Faxineira, empregada na Santa Casa de Franca, Trabalhando para sua família fome não passar, em uma pequena favela em São Paulo, a literatura a acolherá [...] Uma mulher negra que cresce com a literatura".*

SOBREVIVENTE DA FAVELA

*Poesia de Guilherme Moraes
e Jean Felipe Gonçalves*

Amarelo, via tudo amarelo,
 Não era o outono, mas sim a fome.
 Um espectro que me acompanha desde ontem,
 mas não meus filhos, ela passa longe deles.
 Hoje foi um dia bom, catei o suficiente para todos.
 Chegando em casa, começo a cozinhar,
 o cheiro da comida enche o ar.
 Todos à mesa, começamos a comer,
 não sobrou nada, todos estão satisfeitos.
 Meus filhos estão na cama, agora vou ler
 adoro ler, manusear o livro, sentir as folhas.
 Li quinze páginas, hora de escrever meu diário.
 Escrevo o que vejo na minha realidade cruel.
 Escrever é uma calma na tempestade.
 Me sinto no céu, sonho com os anjos.
 Acordo, tomo café, levo as crianças à escola.
 Vou catar lixo, esse é o meu trabalho.
 Passo pelos quatro cantos da cidade.
 Sei o que é São Paulo mais que os políticos.
 Entendo o que deve mudar para trazer prosperidade
 Mas sou só uma favelada
 Só se importam comigo em eleição
 Depois disso, já não existo
 Eu já vi esse ciclo vezes demais,
 já não fico mais desapontada
 A única coisa que posso fazer é educar meus filhos,
 para que eles possam sair desse nada



Arte de Gabriel Rastoldo, Diogo Aguiar, Ana Clara Gandra e Pedro Toffano.



Arte de Clara Ribeiro, Caio Carvalho, Cecília Brasil e Júlia Pimentel.



Arte de abertura da seção

Giovanna Gonçalves Marcelo, Victor Heringer de Souza, Daví Santos Fernandes, Ana Carolina de Oliveira Matheus, Gabriel Rastoldo Mesquita, Anna Clara Gandra de Carvalho e Felipe Duarte Muller.

Produção audiovisual

Rodrigo da Costa Silva de Souza, Felipe Duarte, Alberto Fernandes, Giovane Freitas, Fabrício Bento, Miguel Oliveira e Lucas Lopes.

Organização

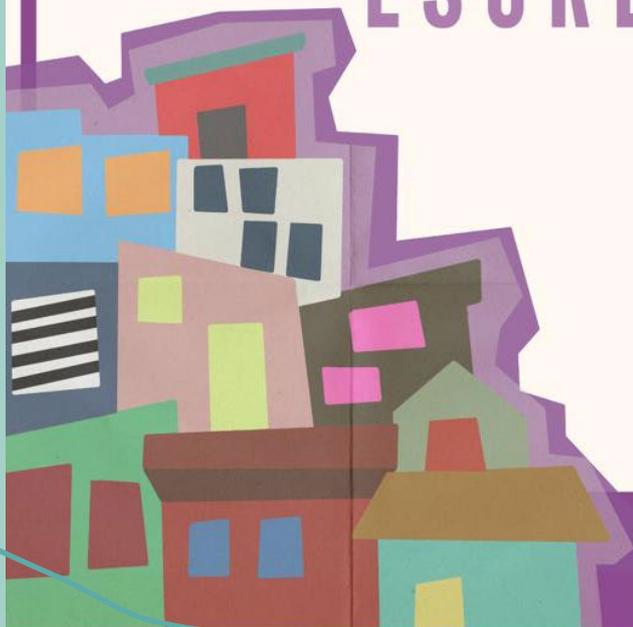
Arthur Wanzeler, Henrique Corga, Danilo Azevedo, Cecília Becker e Gabriel Nogueira

Seção VI - 1005B

<https://youtu.be/cnF0U2kJicU>

||||| SEÇÃO VII - 1008 |||||
<https://youtu.be/5McxHw8YCw>

AS PALAVRAS QUE EU ESCREVI



VERSOS DE UM CAPATAZ



*Poesia de Sophia Sant'Anna
e Luiza Barros*

Seus olhos hipócritas, a nós voltei
Assim como meus ancestrais, sangrei
Eles insistem em me chamar de plebeu, mesmo que eu tenha pele de rei
Meu trono foi roubado por suas armas brancas
E, por mais que pensem, isso não as tornam brandas

Pintaram-me com uma tinta indesejada: a cor do crime
Subscrevo-me para que não se esqueças de mim
Em suas falas pomposas como pluma
Ele oprime qualquer pessoa que não seja como ele para que suma.

Meu corpo é uma represa...
Confesso que, às vezes, transbordo
Desatando os nós de minha garganta, com gritos de socorro
Imploro a todas as Marias,
Princesas e rainhas,
Em meu último suspiro, que me deem fôlego

Estou tão cansado
Meus irmãos e irmãs ainda precisam resistir
Estou farto!
Deste maldito ciclo vicioso que nos impede de existir

Nas noites em que não durmo
Pela chuva que inunda meus pensamentos
Questiono-me sobre esse preconceito
Seria mesmo verdade que
Meus traços estarão fadados ao rejeito?

Às vezes, vou além
Flutuo entre os cômodos
Deixo que as ondas me guiem
Enquanto peço ao universo
Que não deixe que meus filhos presenciem
Esse mundo perverso

Pela manhã meus pés descalços
Caminham para o jardim de barro
Enquanto as crianças me recebem com um abraço,
Noto a minha vizinhança em pedaços
A chuva não fora um sonho, causastes estragos

Me vejo estendendo perto de um penhasco íngreme
Sem asas para voar A ideia de saltar é reconfortante
Nesses versos, na dor sublime

Não existe nada mais alvoroçado que o coração de um preto
 Quando discriminado no labirinto das prateleiras
 Mesmo que conduzindo boas maneiras
 Mas o final da história é a mesma,
 Acusado de furto enquanto roubam-lhe o fôlego
 As imagens claras afogando-lhe
 Em suas desvantagens, deitado ao chão
 Clamou mais uma última vez por sua salvação

Como aconteceu com seus ancestrais anos atrás
 Questionou-se e, se todas as riquezas estivessem em minhas mãos,
 Eu ainda seria confundido com um capataz?

Amor e ódio estão em constante atrito dentro de meu peito
 Nunca pude correr livremente, salvar-me
 Sem que minha liberdade fosse piamente um veredito à minha comunidade

Às vezes no silêncio da noite,
 Eu fico imaginando minha casa sendo atingida
 Mesmo que nossa ferida não seja física
 E sim na alma não-compreendida
 Eu nunca busquei por nirvana
 Não tinha tempo e faltava grana
 Não há paz onde há fome
 Desconheço o impossível, sou apenas um homem



*Arte de Amanda Freire Brondi Vargas, Sophia Passos Gomes Ferreira
 de Vasconcellos, Renato Carlos Brune de Souza e Bruno Zampieri Azevedo*

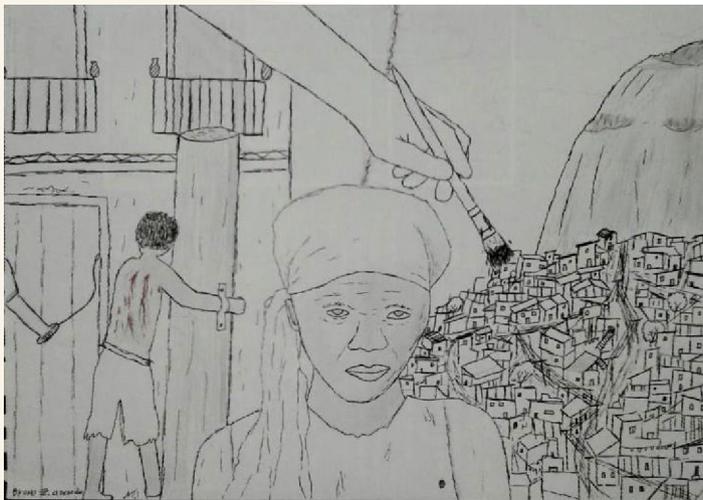


Imagem inspirada nos versos: "Pintaram-me com uma tinta indesejada: a cor do crime"; "Assim como meus ancestrais, sangrei".

Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues.



NUANCES DA NEGRITUDE

Poetisa de sacramento
Tinha suas mãos calejadas
Enquanto escrevia seu sentimento
Sobre aquilo que almejava

Entre versos, suas histórias,
Mulher solteira, mãe e trabalhadora
Contava suas memórias
De sua realidade devastadora

Poesia dolorida esta que escrevia
Que expõe as cicatrizes de uma vida sobrevivida
Os dias passam, a raiva fica
As lágrimas ameaçam, a força precipita
Numa luta onde as palavras ditas necessitam ser ouvidas

Quando a fome apertava,
Não havia o que comer
Ah! se pudesse se alimentar de sonhos
Isso já bastava
Das senzalas às favelas,
A falsa abolição povoou as vielas
À procura do pão, lá estavam elas
Resistir não era opção, realidade só cabia aquela

À margem da sociedade,
Enfrentavam a ignorância
A violência
Como condenados, mas nunca culpados
O ódio mascarado sempre fora notado, escancarado
Mas aos pretos foi aconselhado, “engole tua revolta para ser respeitado”

E, quando muitos abaixavam as cabeças,
Os burburinhos preenchendo o silêncio da derrota,
Maria de Jesus gritou: “não me esqueças, pois farei história”
E, quando a inveja crescia à sua volta,
Ela sabia que podia cantar vitória

Oh! tão doce e melancólica mulher, menina
Que sorri com o olhar crítico e inspira as Carolinas
Em seu leito de morte,
Declarou a sã desilusão sobre seu país
Mas ainda esperava a boa sorte
O paraíso onde a pele negra não seja o que desdiz

Não há garantias do paraíso
Mas como poderia vasto campo da poesia
Não preencher a dor de Maria
E deixar que pense que não conseguiria?

*Poesia de Sophia Sant' Anna
e Luiza Barros*

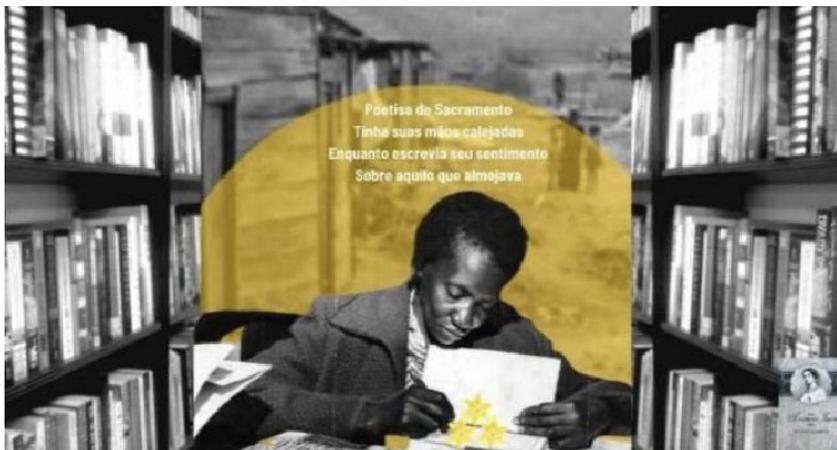


*Arte de Amanda Freire Brondi
Vargas, Sophia Passos Gomes
Ferreira de Vasconcellos, Renato
Carlos Brune de Souza e Bruno
Zampieri Azevedo**

Não há palavras bonitas que acalentem esse povo
Que, aos olhos azuis, do alto do prédio,
Gritam aos ventos: “deveriam estar mortos”

Ao desconforto da pele retinta, escrevo por Maria
Por Miguel
Por João

Pela nação preta que sonha e luta para que talvez um dia
Não a exclua do planeta
Perdoe-me a euforia, mas isso nunca foi poesia



Arte de Matheus Celestino Santos Gonçalves, Angel Corrêa da Cruz, Dandara Coelho Ferreira Predes e Beatriz Peruch Vitali Cravo.

*Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues**.*



**Imagem inspirada no trecho: “Poesia dolorida esta que escrevia/Que expõe as cicatrizes de uma vida sobrevivida”. / **Fotografias inspiradas no poema “Nuances da negritude”. Nas palavras do fotógrafo Wilton Rodrigues: “Usei elementos como as ferramentas presentes nas fotos, para fazer uma ligação com o passado dos negros no Brasil, levando em conta o slam Versos ‘Nuances da Negritude’, já que ele aborda este assunto. A partir do momento em que os escravos realizavam diversos trabalhos braçais, sob o sol ou até em meio a matagais, elaborei essas cenas com o objetivo de remeter à época de escravidão dos negros”.*

DESPEJADA

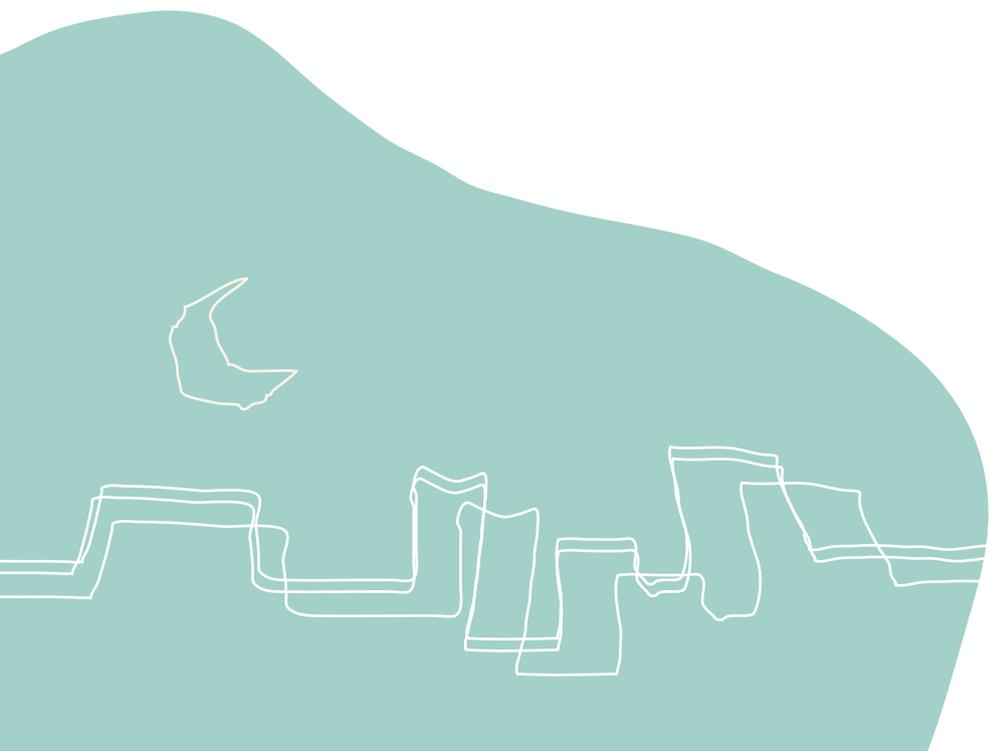
|||||
Poesia de Lazarus Lessa Sampaio

Enquanto corro com a fratura exposta,
Nas noites frias revirando o lixo,
Em meus versos, busco uma simples resposta.
O porquê de me olharem como um bicho...

Não tenho vergonha da pobreza
Apesar de andar em meio ao entulho,
Vivendo com as pessoas e sua frieza,
Ainda há um resquício de orgulho.

Vendo meus filhos sobreviverem
Vê-los escreverem, lerem...
Batalhando num lugar de despejo,

Ainda vejo neles o desejo.
De não serem mais despejados,
De não serem mais negligenciados.



CORRERIA

Poesia de Lazarus Lessa Sampaio

O beco escureceu,
Comprimindo-me entre as paredes, fui engolida numa luta
A parede estremeceu,
E eu fui jogada de novo pra labuta.

Mesmo desnorteada e tonta,
Eu ainda estava pronta,
Pra passar nos umbrais,
E não sentir fome, nunca mais.

As luzes dos postes me cegavam,
Os becos gritavam: Desista!
Minha mente sussurrava: Resista!

Atravesso com correria,
Enfrento com teimosia,
Faço poesia, batendo de frente com os fardados de mente vazia.

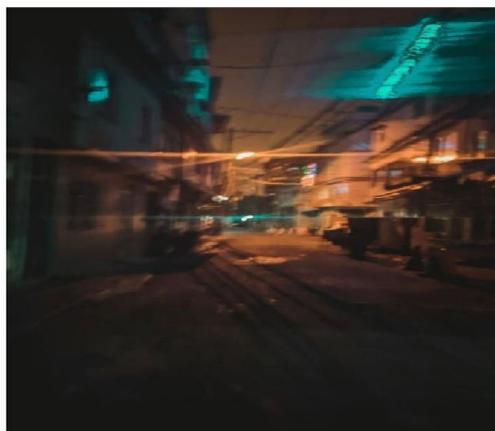


Arte de Amanda Freire Brondi Vargas, Sophia Passos Gomes Ferreira de Vasconcellos, Renato Carlos Brune de Souza e Bruno Zampieri

Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues*.



*Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues**.*



**Fotografias inspiradas nestes trechos do poema “Correria”: “Eles insistem em me chamar de plebeu, mesmo que eu tenha pele de rei”; “Seria mesmo verdade que/ Meus traços estarão fadados ao rejeito?”. Depoimento: “Laysa tirou essas fotos inspirada no poema do Lazarus, mas a história por detrás dela é bem maior. Jonas foi se candidatar a uma vaga de emprego. Lá disseram que as normas da empresa exigiam um cabelo curto. Mesmo cortando seus cachos, ele não foi aceito, pois a cor da pele não dá para se mudar. Ao não ceder mais para uma sociedade com padrões brancos e eurocêtricos, Jonas e muitas outras pessoas como ele resistem!”.*

***As fotografias acima foram tiradas no Complexo da Maré, comunidade da cidade do Rio de Janeiro, e foram inspiradas no poema “Correria”.*

DOCE E DIFÍCIL

Poesia de David Ribeiro e Miguel Angelo

Tenho uma razão para lutar.
 Fome e cansaço não vão me parar
 Um aroma de felicidade.
 Com meus filhos.
 Canto, canto, canto até desmaiar

Uma vida doce e árdua
 A vida na favela é assim.
 Mas, mesmo assim, eu não vou desistir
 Eu tenho um sonho, e nele eu vou persistir

Os versos que eu escrevo não são pra alguém ler
 E, sim, porque eu gosto de escrever
 Minha vida nunca foi fácil
 Mesmo assim, eu sou feliz

O difícil não é viver,
 É continuar vivendo.
 Esbofando o meu peito, eu sigo em frente
 Nunca deixei de sonhar
 Porque eu acredito que o meu sonho há de se realizar!



*Arte de Camila da Silva Affonso,
 Luciana Lopes e Maria
 Victória Ribeiro.*

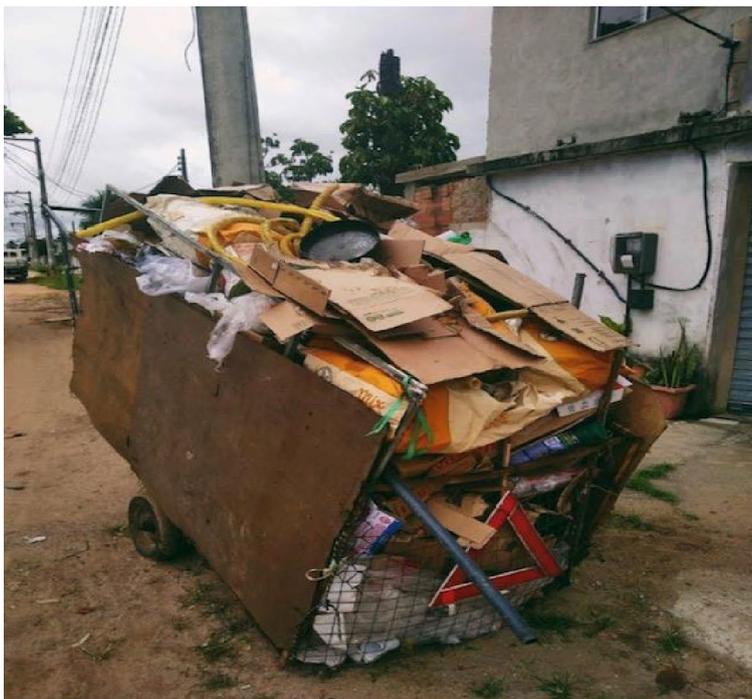


Arte de Amanda Freire Brondi Vargas, Sophia Passos Gomes Ferreira de Vasconcellos, Renato Carlos Brune de Souza e Bruno Zampieri Azevedo.*

Arte de Matheus Celestino Santos Gonçalves, Angel Corrêa da Cruz, Dandara Coelho Ferreira Predes e Beatriz Peruch Vitali Cravo.



**Imagem inspirada no poema "Doce e difícil"; mais especificamente, no seguinte trecho: "Com meus filhos,/Canto, canto, canto até desmaiar/ Uma vida doce e árdua/A vida na favela é assim./Mas, mesmo assim, eu não vou desistir/Eu tenho um sonho, e nele eu vou persistir".*



Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues.

Arte de Gabrielle Conceição, Laysa Correia, Luiza Florido e Wilton Rodrigues.*



**Fotografias inspiradas no poema “Mais um dia se completa”; mais especificamente, ao seguinte trecho: “E, sentada, no meu barraco, te conto/Como é viver este conto/De um povo trabalhador/Na esperança de que a favela/Se torne algo a mais para ela/E que o lugar em que vivemos/Não se torne o nosso quarto de despejo”.*

Que meus gritos escritos fossem escutados
E não ficassem apenas nos meu diários
Que pudesse ser conhecida pelas minhas simples
poesias
E não como mais um que ali residia

E sentada no meu barraco te conto
Como é viver este conto
De um povo trabalhador
Na esperança de que a favela
Se torne algo a mais para ela
E que o lugar em que vivemos
Não se torne o nosso quarto de despejo



Arte de Matheus Celestino Santos Gonçalves, Angel Corrêa da Cruz, Dandara Coelho Ferreira Predes e Beatriz Peruch Vitali Cravo.



Arte de abertura da seção

Wilton Rodrigues, Ana Luiza Peixoto, Angel Corrêa, Dandara Coelho, Sophia Passos, Kaíke de Souza, Bruno Zampieri e Miguel Ângelo.

Produção audiovisual

Ana Vitória Martins Contreira, André Gonçalves Makuska, João Pedro Azevedo Palmisciano, Pâmella Ferreira Mafort, Alice dos Santos Souza, Lucas da Costa Pires, Kaíke de Souza Robaina e Gabriel Silva Lima Ferro.

Organização

Felipe Soares da Silva, Miguel Ramalho Vieira Nogueira de Oliveira, Ana Clara Viana Pinto dos Santos, Luiza Gonçalves Dias e Gabrielle Alves da Cunha.

Seção VII - 1008

<https://youtu.be/5McxHw8YCw>

Sobre Canindés e Carolinas

Boa tarde, professora!

Hoje não consegui habilitar meu microfone, pois meu telefone está bem estranho (quebrei a tela).

Mas, de qualquer maneira, gostaria muito de ter participado, porque eu tô amando os assuntos discutidos na sua aula e nos livros.

Então, vou deixar aqui meu pensamento sobre o livro até agora (e acho que não faz mais diferença, mas, se você me permite, vou falar mesmo assim).

Eu estou na metade do livro e, sinceramente, estou amando o quanto o livro me faz sofrer. Talvez, pelo fato de eu já ter feito/ainda fazer parte e ver de perto os ciclos que Carolina discute no livro, ele seja tão impactante para mim. E, após pesquisar, descobri que muitas pessoas pensaram que o livro era falso (pensavam que a história do livro era criada por outra pessoa) e que a história era de um gênero do qual não gostavam (assim como alguns colegas de classe pensaram).

Abaixo vou quebrar esses pensamentos...

Obviamente, não é um livro que ia prender muita gente, uma vez que ele não tem uma estrutura de um livro criado fantasiosamente, até porque ele não é um. Uma pessoa que nunca teve um tipo de contato com alguma das situações (e uma pessoa totalmente sem empatia) vai achar o livro chato e repetitivo. Mas, como já me encontrei em situações como a da Carolina, posso afirmar que essa vida é chata e repetitiva.

Esse livro me quebrou bastante, lembrou de situações que eu enterrei tão fundo em minha mente que eu nem lembrava. Mas, outra coisa abordada que eu amei MUITO foi o fato da Carolina quebrar essa imagem linda da favela.

Não que a favela não tenha suas partes lindas, amo todas em que já vivi, porém (me perdoe o linguajar) é foda. Ir pra baile na favela rebolar é muito bom, ir turistar na favela é top, levantar símbolo do comando é de cria...

Mas, o foda é não dar o que comer pro seu filho, o foda é ter medo de um tiro entrar na tua casa, o foda é passar mal de fome, o foda é subirem no teu morro todo dia e, quando não é pra te entregarem mentiras em forma de santinho, soltarem tiro pro alto.

O livro é muito bem pensado e bem escrito e me sinto muito conectado com a história e com os personagens.

Que o mundo leia esse livro e consiga entender as dificuldades dos Canindés e das Carolinas!

Depoimento do estudante Lucas de Azevedo Correia, enviado por mensagem após uma das aulas de leitura coletiva do texto de Carolina Maria de Jesus.
